bilê tafit sapienza

conversa sobre terapia

educ

CONVERSA SOBRE TERAPIA

BILE TATIT SAPIENZA

Editora: Paulus-SP

ISBN: 8528302962

Ano: 2004

Edição: 1

Número de páginas: 159

Este livro é fruto de uma larga experiência como terapeuta, é o resultado de meditações e estudos em profundidade. No entanto, o tom de intimidade alcançado pela autora nesta obra nos faz pensar em alguém que surge assim como quem não quer nada, vai chegando perto, puxando prosa, e de repente a gente percebe que a conversa vai ficando gostosa, estimulante. E quando nos damos conta, estamos envolvidos em reflexões filosóficas de grande profundidade, grande complexidade.

O leitor vai também se envolver e se apaixonar por essa conversa, vai pensar e refletir sobre o que acontece num encontro terapêutico através do relato de um atendimento a uma paciente que vai se descobrindo e descobrindo a vida, desdobrando signicados sobre seu passado, seu futuro e seu presente que, como para nós, para o Dasein, está sempre chegando, sempre se transformando, isto é, configurando a sua história.

APRESENTAÇÃO

Clareza e simplicidade são virtudes.
Dedicação e amor são necessários para conquista-las e preservá-las.

Picasso e Miró as conquistaram em suas obras. Estas podem ser comparadas a desenhos de crianças por sua espontaneidade, mas basta tentar criar algo semelhante, de modo verdadeiro, para descobrir que não é fácil.

Associar essas virtudes a uma conversa sobre terapia baseada na filosofia de Heidegger pode parecer estranho. É comum encontrar, na tradução de seus textos, conceitos fundamentais associados a palavras em grego e alemão, inclusive termos criados por ele. Ate mesmo o nome adotado no Brasil por esta abordagem de psicoterapia, a Daseinsanalyse, foi mantida em alemão. Entretanto, ao ler seus textos com calma, a adoção desses termos se revela apenas um instrumento para precisar seus conceitos.

CONVERSA SOBRE TERAPIA

Ser simples e claro pode ser perigoso. Pode deixá-lo exposto.

Muitos adotam a confusão para se proteger, como o polvo, que joga tinta na água para camuflar a fuga. Jargões herméticos cumprem este pape!, mistificam o conhecimento e podem se tomar símbolos de poder para os "iniciados". Utilizados sem consciência pelos profissionais, acabam por se tornar obstáculos para a comunicação.

Empregadas com coragem e propósito, clareza e simplicidade são armas.

Podem tocar corações, transformar conceitos e atitudes.

Cuidado com seta conversa...

Tarcísio Tatit Sapienza

SUMÀRIO

INTRODUÇÃO

Um dia, senti a necessidade de por no papel algo que me servisse como roteiro, como apoio para um curso sobre o assunto "terapia". O importante era poder falar de uma terapia fenomenológica e, mais especialmente, da Daseinsanalyse.

Assim começou a nascer este texto, que foi surgindo no ritmo de uma conversa - já que essa era a forma imaginada para o desenrolar do curso. Cada parágrafo originava o seguinte.

Situações e personagens que vocês encontram aqui aparecem apenas como exemplos. Elas foram completamente imaginadas por mim.

CONVERSA SOBRE TERAPIA

Vamos conversar sobre terapia. E, quando fazemos isso, um dos assuntos que surgem e a teoria com que trabalhamos. Se o nosso trabalho se situa na fenomenologia, então, esse assunto se torna mais complexo, pois o próprio uso ou não de uma teoria passa a ser urna questão.

Ha algumas coisas, porem, que independem de teorias. Uma delas e a postura do psicólogo diante de coisas fundamentais, como, par exemplo, o respeito: pelo paciente, pelo contexto da sessão de terapia, pelo segredo profissional; o bom senso de saber que a terapia, seja qual for, não pode tudo, e que, às vezes, nosso paciente pode precisar também de uma ajuda psiquiátrica ou de algum outro tipo.

Trabalhamos à luz da fenomenologia. Diante da existência do paciente, que é o fenômeno com que lidamos, como poderemos fazer fenomenologia com coerência se formos para a sessão munidos de uma teoria de psicologia que já sabe previamente explicar os fenômenos?

13

Suspendemos as teorias de psicologia. Mas precisamos saber o que estamos suspendendo; senão, estaremos sendo apenas ignorantes. E não

é razoável que ignoremos todo o conhecimento que a psicologia já acumulou daquilo que diz respeito ao homem.

As teorias explicam o pensamento do homem, suas emoções, seu desenvolvimento; explicam o porque de certas patologias. Todas elas têm algo a dizer, e é importante que o profissional que se propõe a tratar de seres humanos não ignore as ciências e os saberes todos que descrevem o homem.

Se você não conhecesse as teorias, naquelas horas de perplexidade diante do seu paciente, quando parece que nada faz sentido ou quando a sensação poderia ser a de estar jogando conversa fora, você teria sempre uma ilusão de que, se tivesse uma boa teoria, isso lhe ajudaria muito e que, com ela,· você poderia ir longe no seu entendimento. Em algum lugar dela, aquilo que ele diz ou o que não diz assentar-se-ia muito bem.

Agora, se você conhece as teorias, isso vai lhe permitir pensar: É, a teoria diria tal coisa deste paciente; mas eu, que estou aqui junto dele, para quem ele já contou tanto de si, eu penso o que? Que sentido isso faz na história dele? Foi para esta pessoa que aquela teoria foi feita?"".
Entao, você não vai longe; para diante do seu paciente, diante daquela sessão em particular, diante de

14

como vem se desenrolando o processo terapêutico; reconhece que ainda não compreendeu bem e, com paciência, espera. Nenhuma teoria tem o que fazer ali.

Provavelmente, sua sensação vai ser de desamparo.
Mas esse é um primeiro momento. Depois, já que ali surgiu um vazio - disponível, porque entregue, e disposto, porque atento a uma busca de sentido -, o desamparo passa a ser substituído pela surpresa de perceber que urna compreensão começa a preencher o vazio. Esta surge sem você saber de onde. Talvez lhe seja dada exatamente porque, para uma coisa

nova germinar, ela precisa do vazio de um espaço, da calma de um momento, e você foi alguém que favoreceu essas condições. Você foi a abertura na qual algo se deu a compreender. A compreensão vai poder ser agora compartilhada ou, talvez, ainda não. Se não for ainda a hora, contenha a sua pressa.

Como teorias são explicações amplas, gerais, elas podem muitas vezes ser aplicadas ao caso do seu paciente, pois, afinal, falam de gente, e gente tem muita coisa em comum; foram elaboradas por pessoas que observaram, que pensaram em aspectos importantes da existência, não importa que nomes tenham dado a isso. Entao, com seu paciente, mesmo que você se aproxime dele sem urna teoria, pode acontecer que, em alguns momentos, aquilo que você percebe nele seja muito parecido com algo que a teoria X fala. Nesse caso, a teoria coincide

15

com o que você vê no seu paciente. Você talvez pense:
"Não há de ver que é isso mesmo?". E vai achar bom. Mas, no caso de você querer permanecer na fenomenologia, retorne em seguida ao seu paciente e deixe de novo seu pensamento aberto.

Quem trabalha com fenomenologia convive com isto: a necessidade de ir direto ao fenômeno tal como se apresenta - ir atrás de seu significado naquele caso especial, Único, um significado que pode mesmo contrariar qualquer teoria de psicologia -, sem, contudo, ignorar as teorias que pretendem explicá-lo. Quando, conhecendo as teorias, você conseguir manter o pensamento aberto para permanecer diante do fenômeno, livre das teorias, você vai ter a sensação de estar honestamente fazendo fenomenologia; saberá o que esta deixando de lado e por que faz isso. Você sentirá que o faz porque o apelo do

fenômeno é maior.

Estar livre das teorias explicativas, geralmente causalistas, elaboradas pela psicologia, entretanto, não significa que seu pensamento se dê na ausência completa de referencias. Aliás, nem seria possível uma coisa dessas, mesmo porque somos "ser-no-mundo", e "mundo" em tal expressão já significa um entrelaçamento de referencias: nosso fazer, nosso falar, nosso pensar sempre acontecem na referenda a algo que lhes dá sentido. É claro que, com mais razão ainda, aquele pensar que é

16

próprio da terapia, o pensar que diz respeito à existência, dá-se dentro de um contexto de referencias significativas fundamentais para nossa compreensão do fenômeno existencial. Em nosso caso, trabalhamos com um referencial básico do pensamento heideggeriano: a compreensão do Dasein, do "ser-ai", como "ser-no-mundo", como "ser-com"; como aquele que é chamado em suas possibilidades para realizar sua existência através do "cuidado", é cobrado por isso e sente culpa; aquele que sonha, faz planos; sabe que é finito e se angustia diante da possibilidade do nada.

Mas sempre ha urna tenta<;ao: e se arrumarmos urna teoria de psicologia que seja fenomenológica? Há teorias psicológicas que são de inspiração fenomenológica. Mas será que, ao se tornarem teorias, elas continuam a ser fenomenologia? E, no momento psicoterápico, atermo-nos a essa teoria, ainda que ela tenha se originado de um pensamento fenomenológico, será que é fazer uma boa fenomenologia?

O momento da terapia é aquele privilegiado, em que fazemos uma

fenomenologia da existência. É possível também fazê-lo estudando, pesquisando; são muitos os modos, mas nenhum e tão precioso como esse, que se origina de um momento raro como só esse pode ser, pois em nenhum outro uma pessoa abre a sua intimidade

17

com tanta confiança. E ela o faz não para que alguém a veja dentro de urna teoria ou para que elabore urna a partir do que ela fala. Sua existência se abre para ser compreendida. Esse é o fenômeno ali. Ele é absolutamente singular: porque aquela vida de que se trata e única, aquela sessão e única, a relação entre aquele terapeuta e aquele paciente é única. Não há duas terapias iguais.

Seu paciente vem semana após semana, às vezes durante anos. Cada vez ele traz um pedacinho da história que e a dele, que e ele. Os sentimentos mais diversos vão passando por ali: raivas e amores, sonhos e desilusões, esperanças e temores, culpas e vontade de poder ser melhor.

Por que ele volta toda semana e continua o desenrolar de sua hist6ria? Será que é para ter uma conversa interessante com você? Isso não sustentaria uma terapia. Ele vem porque, a cada sessão, vocês dois reúnem pedaços de significados que estavam dispersos na vida dele. Às vezes, eles estão difíceis de aparecer, mas vocês acendem uma luzinha aqui, outra ali, e começam a encontrá-los. Esses significados juntam-se e passam a estruturar sentidos de sua vida.

Isso acontece porque aquele é o lugar onde ele pode retomar tanto aquele episódio, tão antigo que ele pensou que já fosse passado, como

aquele sonho de futuro sempre

18

adiado; onde ele pode ser frágil e ser forte, estar triste ou contente; onde ele pode se ver como aquele para quem a vida tem de ser sempre uma tarefa árdua ou aquele para quem a vida tem de ser sempre uma festa. Enfim, todos os sentimentos têm o direito de freqüentar a sessão. Alguns deles surgem e dizem logo "estou aqui" com muita clareza, e outros, por muito tempo, negam-se a mostrar-se; querem ser chamados por outros nomes ou se misturam com outros sentimentos. Mas, com paciência, eles todos vão chegando e colorindo uma história cheia de sentido.

A história que se revela no decorrer de uma terapia pode ter semelhança com outras historias, mas cada uma tem uma peculiar combinação de significados, que é só dela. E ali, na terapia, a única fenomenologia que interessa é a dessa historia particular, e a da existência do paciente que esta na sala. Nisto consiste o trabalho que ali se realiza: deixar que as coisas apareçam com seus significados, reuni-los e permitir que sentidos se articulem.

Esse trabalho e de pensamento, faz essencialmente uso da linguagem, mas bem poderia ser chamado de artesanal. Neste contexto, artesanal indica a diferença do "industrializado", do padronizado, do que se torna generalizado - como as teorias são generalizações -, feito para alguém que não sabemos quem será. Nosso trabalho

19

é destinado a cada um. E não é aquele artesanal que poderia já estar na

vitrine a espera de quem o levasse: ele só vai ser realizado no momenta em que o destinatário estiver presente. E mais: s6 será feito com ele. Terapeuta e paciente pensam e sentem juntos.

Artesanal diz respeito a um oficio realizado com as mãos. Embora não trabalhemos com as mãos, essa metáfora vale por aquilo que as mãos humanas podem simbolizar. Mãos podem agredir, afastar, mas também são elas que aproximam o que queremos ver de perto; mãos seguram o que está prestes a cair; mãos aconchegam, desfazem nós e fazem laços; mãos mostram uma direção; mãos detêm a afobação da pressa e dão aquele "empurrãozinho", as vezes, necessário; mãos pensam feridas. Fora de toda a conotação pejorativa que a palavra manipulação carrega, e de acordo com um bom e velho sentido que ela já teve, podemos dizer aqui que esse é um trabalho de "manipulação", como quando lemos "Farmácia de manipulação". Ali os remédios podiam ser elaborados especialmente para uma determinada pessoa.

Fulano está em "boas mãos" - é o que dizemos quando achamos que ele vai ser bem tratado. Mas de que se trata o tratar da terapia?

20

Antigamente dizíamos: fulano precisa tratar dos nervos. Depois, foi "descoberto" o "emocional", e as pessoas passaram a tratar do emocional; foi acrescentada a isso a noção de que muitas doenças são causadas pelo "emocional", e, então, razão a mais para tratarmos dele. Mais recentemente, a pessoa vem por motivos mais definidos: sofre de depressão, tem pânico, vive com estresse (palavra da moda), e se define até dentro de siglas, por exemplo: "Eu tenho um TOC". Ela vem com um pedido muito particularizado e urgente para que você a livre de um

transtorno.

Se não tomar cuidado, você vai comprar essa idéia, e logo você e o paciente estarão ansiosamente empenhados em resolver a ansiedade dele. O paciente tem pressa: primeiro, porque ele esta sofrendo; segundo, porque acredita que, se um tratamento é bom, deve ser rápido. Afinal, já ha tantas pesquisas a respeito dos distúrbios, existem técnicas para tratá-los, e você certamente já as conhece. Em geral, ele já vem tomando um remédio, mas lhe disseram que uma terapia também ajuda a resolver.

Sim, ajuda e muito. Mas como imaginar uma fenomenologia ansiosa para resolver um problema? O paciente tem direito de escolher uma forma de terapia que corresponda as suas expectativas. Mas se ele resolver que quer ser atendido por você, mesmo sabendo que você não usa as técnicas que ele procurava, e se voce trabalha

no referencial fenomenológico, pelo menos para você, desde o início, algumas coisas devem estar claras. Você e ele vão trabalhar, não contra o tempo, mas a favor do tempo; ele vai precisar de um tempo para poder desdobrar, com você, pormenores de sua vida que, só depois de contados, tocados, mexidos, poderão ajudar a compor a história dentro da qual suas queixas fazem sentido. E muita coisa que vai ser dita poderá parecer, à primeira vista, conversa jogada fora, mas só parece; você vai precisar de um tempo para aprender, com esse paciente, a forma de se aproximar sem ser invasivo; você vai precisar de um tempo para que amadureça uma compreensão; vai ser preciso tolerar sofrimento.

Talvez voce diga agora: "Mas isso é tempo demais; e a terapia mesmo, pra valer, quando começa? Quando vai ser a hora de tratar dos problemas pelos quais ele me procurou?".

Ora, a terapia já começou lá, no momento em que ele confiou em voce como possibilitador do espaço ou da condição em que o mundo dele pode ser aberto, aproximado, olhado de perto; ali na sala ele falou do medo que sentiu tantas vezes ou do medo que nunca se permitiu sentir; do quanto ele tem se imposto tarefas e esforços para ter sucesso, do quanto ele precisa competir; do amor que não recebeu, do amor que não sabe dar; de como

22

se sente capaz de fazer algum estrago em sua vida ou na dos outros, de como ele não quer isso; de como é preciso estar sempre atento para que nada errado aconteça; dos seus sonhos, tanto aqueles que morreram como aquele que teima em continuar. Falou também das coisas boas de sua vida. A terapia já começou na hora em que, ao entrar na vida dele, você se tornou para ele aquele "outro" - e como é necessário o outro! - que o espera a cada sessão para recolher, com ele, pedaços da sua história: pedaços que estavam esquecidos, dispersos, diminuídos, aumentados, e que, ao serem recolhidos, formam um desenho que vai ganhando sentido e que ele pode reconhecer como sua vida. Ela começou porque poder compartilhar com você esse novo olhar já é aquele "toque" terapêutico que pode alterar profundamente a sua forma de existir.

Terapia é um pouco isto: oportunidade de o paciente poder olhar, de novo, para o que foi vivido e passou - ou não passou -, para o que é

vivido agora, e autenticar tudo como sendo dele, como sendo ele. Parece quase nada. Mas você pensa que é fácil? Não é, porque aí se incluem, por exemplo, as dores de que ele não quer nem se lembrar, suas perdas, suas culpas, suas faltas, suas desilusões - e quanto disso há na base de uma depressão; seus receios, sua angústia, porque ele sabe que um dia vai morrer, sua tristeza pela precariedade de tudo,

23

seu sentimento de impotência diante de um mundo que se torna cada vez mais ameaçador - e quanto disso esta lá no pânico; aí se incluem também os prazeres, as alegrias que ele não sabe se tem direito de sentir.

Terapia também é isto: ocasião de ver que essa e a vida que se realizou, que foi esse o caminho percorrido mas é um caminho que continua e, o mais importante, pode ir em direções diferentes. Às vezes, isso quer dizer novas escolhas que implicam mudanças radicais. Mas o mais comum é que esse poder ir em outra direção queira dizer: mudar a direção do olhar, poder ver outros significados nos fatos que, em si continuam os mesmos; poder sentir que, exatamente porque aquela história é especialmente a dele, ele é seu protagonista e cabe a ele trazer elementos novos para ela. Sim, porque terapia também é isto: a chance de alguém perceber que não lhe compete mudar os outros; que não compete aos outros tomar a iniciativa para resolver os problemas que são dele, e que a obrigação de cuidar da sua vida e primeiramente dele; e a chance de perceber que ele deve isso a si mesmo.

Talvez você diga: "Bem, terapia pode ser tudo o que está dito acima.

Mas que tem isso a ver com aqueles problemas tão específicos que o paciente trouxe para resolver? Entao terapia não passa de uma conversa, de um

24

compartilhar coisas da vida com o terapeuta, e, a partir disso, quem sabe, até poder vê-las de um jeito novo? (Estou pensando aqui: você acha que isso é pouco?) Os fatos da vida do paciente permanecem lá; o sentido deles pode mudar, mas os fatos não. E sua depressão é fato e se baseia em fatos, faz parte da realidade; seu pânico é fato e se sustenta em fatos, é realidade; o abandono que ele sofreu aconteceu na realidade. E ele apenas vai aprender a olhar para a realidade de um outro jeito?".

Diante dessas perguntas que voce pode ter feito, vamos pensar: e o que é a realidade? Se você trabalha com a fenomenologia, sabe que realidade é sempre realidade percebida. Ouvi de um psicólogo algo que exemplifica isso. U*ma* menina chega para a sessão de terapia e conta que seu namorado a deixou, não a quer mais. Este é o fato. Ela se deprime: "Que falta de sorte, eu devo ser mesmo incapaz de manter alguém comigo; o que será que me falta?". Esta é, realmente, uma menina abandonada, porque não inspira amor. Outra menina chega e conta o mesmo fato. Ela fica triste e com raiva: "Esse cara nao é de nada, ele pensa que eu sou uma idiota, aquele tonto que não sabe o que esta perdendo". Esta é, realmente, urna menina que namorou alguém que nao soube lhe dar o valor que ela merece.

Talvez você me diga: "O real *ai* depende de se saber em cada caso exatamente por que o namorado foi embora".

25

Mas quem vai saber isso? Talvez nem ele mesmo saiba. Do ponto de vista da menina, o que importa nesse fato e a percepção que ela tem dele, o sentimento que é despertado nela. Essa é a realidade que tem sentido para ela. Então, a realidade nunca é tão objetiva como imaginamos que seria por se chamar realidade. Ela é sempre algo a meio caminho entre o que foi dado, como foi dado, e o que foi percebido. Se na terapia alguém consegue começar a olhar a própria vida e a reelaborar significados que já estavam cristalizados, a realidade da vida dessa pessoa pode se alterar também.

Se ate a física, uma ciência que lida com fatos objetivos, considera que ato de observar e uma variável que altera o objeto observado, quanto maior deve ser a possibilidade de que urna dada situação existencial possa ser alterada dependendo do "olhar" que lhe é dirigido. E tanto mais porque não se trata, na terapia, de um mero olhar desinteressado, mas daquele "olhar" que é também cuidar, como quando alguém, ao sair, diz para outra pessoa: "Olhe isso pra mim até eu voltar". Ou quando a mãe diz para a babá: "Estou saindo, olhe as crianças". Só que, na terapia, trata-se de um olhar junto, de um "olhe comigo". Terapia é um pouco isto: possibilidade de dirigir um olhar diferente para a própria existência e, assim, reformular significados.

26

Mas esse olhar que cuida olha o quê? De que cuida a terapia? A terapia é isto: cuidar da existência que sofre. Porque a existência é frágil por natureza. Não só a vida que, como animal, o homem compartilha com os outros animais é frágil, mas, sobretudo, a existência como característica peculiarmente humana é o que há de mais vulnerável. Existência é "ser-no-mundo", e isso é poder ser

atingido, ser tocado o tempo todo por tudo: tanto pelo que vem ao encontro do que desejamos e torna a existência mais plena, como por aquilo que e compreendido como destruição de algo que queremos ter preservado ou como ameaça de que isso possa acontecer. Algumas vezes, e a vida mesma, a própria ou a de um outro, que sentimos ameaçada, e então o sentido das coisas fica abalado, e isso dói. Mas isso não acontece só quando a vida está em risco; acontece também naquelas situações em que sabemos que a vida está ilesa, mas o sentido da vida se quebra ou se torna confuso. A existência é sempre um poder ser diante de um "para *quê",* de um"a fim de *que",* e quando este se rompe ou está ameaçado a existência sai machucada. Em algum grau e de alguma forma, algo esta doendo quando a pessoa procura a terapia, embora, as vezes, no começo ela nem identifique ainda aquilo como dor. A terapia não é uma forma de entretenimento intelectual para pessoas que, dispondo de tempo e dinheiro, apenas querem se conhecer melhor.

27

Damos uma topada na pedra e o dedo dói; alguém sente que a garganta dói; a indigestão faz doer o estômago. Os animais também sentem essas dores. Mas onde dói uma decepção? Onde dói o sentir-se perseguido? E o sentir-se culpado? E a falta de amor? E a falta de sentido? Onde dói a incerteza? E, o saber da precariedade de tudo onde dói? Só os humanos sentem essas dores. Porque só o homem, como "ser-no-mundo", existe na compreensão do entrelaçamento de significados que quer dizer "mundo". E aquelas são dores da existência, que só podem ser sentidas por um ente que compreende significados. Elas podem ser tão intensas que chegam a se encarnar no corpo do homem, já que é corporeamente que o homem existe.

Talvez alguém diga que, ao mexer nessas dores, a terapia vai machucar

mais. Isso acontece mesmo. Mas elas afloram exatamente porque o paciente sabe que aquilo que o faz sofrer cabe naquele espaço. Ninguém vai lhe dizer: "Bobagem sofrer por causa disso". Muitas vezes, essa é uma experiência totalmente nova para ele. E claro que ele tem com quem conversar entre as pessoas com quem convive, mas ele reserva certas coisas para, como dizíamos antigamente, conversar com seus botões ou com o travesseiro. Ou, ainda, como dizia Cartola, queixa-se às rosas... São essas as conversas que cabem na terapia; ali urna pessoa ouve e acolhe suas palavras.

28

Entao, terapia é também um pouco isto: ocasião de ouvir a própria voz a dizer coisas que, uma vez ditas, encorpadas na voz, são acolhidas por ouvidos humanos. Tomando corpo assim, elas se mostram com mais nitidez. Pensamentos e sentimentos expressos dessa forma podem ser compreendidos melhor em suas proporções e significados.

Mesmo se não houver um grande sofrimento, pelo menos em alguns pontos a existência de quem procura a terapia deve ter se complicado. Mas o que se complicou é algo dentro dela ou algo do mundo em que ela vive? E dentro ou fora dela? Se considerarmos que existir é "ser-no-mundo", essa pergunta já não cabe, não há mais dentro ou fora. "Ser-no-mundo" não quer dizer apenas estar fisicamente dentro de um mundo físico; não é também estar dentro de um mundo cujas pressões sociais, culturais ou de qualquer outra natureza modelam o psicológico do homem; não é também a intemalização de um mundo que, na origem fora do homem, passa a ser vivido "psicologicamente" como sendo dele ou como sendo o seu interior; também não é aquele óbvio dizer que "cada pessoa vê o mundo de um jeito subjetivo". A concepção de existência como "ser-

no-mundo" representa modificações radicais de ordem filosófica e epistemológica. A existência é o "lugar", é o "aí" onde

29

há "mundo", e "mundo" já é sempre o *"aí"* onde a existência é. Existência e "mundo" são co-originários. Um não é anterior ao outro.

Se você concebe a existência como esse ser num mundo de significados, ser sempre diante de um a fim de que, e isso quer dizer achar sentido, você vai perceber o quanto o sofrimento do paciente tem a ver com a dificuldade de encontrar sentido no que está vivendo ou de ir ao encontro do que daria sentido a sua vida, ou seja, a dificuldade está exatamente no cerne do existir. É nessa dimensão que a terapia fenomenológica é profunda. Terapia é então também isto: momento em que é possível aprofundar o pensamento, de uma maneira inteiramente pessoal, na questão básica do sentido da vida própria.

Quando falamos em sentido das coisas da vida tocamos na questão dos valores, pois alguém vê sentido em caminhar na direção de algo que valoriza. É inevitável que esse tema esteja presente de alguma forma na terapia, e não pode deixar de ser pensado pelo terapeuta. Assim, vamos introduzi-lo aqui. Numa brincadeira de faz-de-conta, você pode imaginar que se encontra por *ai* com as ciências caminhando ou correndo, ocupadas nos exercícios que as tomam fortes. Se elas pararem URV pouquinho, e você puder perguntar a elas "como vão vocês?", elas

30

responderão satisfeitas: "Ah, estamos ótimas, felizmente, talvez em nossa melhor forma". Se, em seguida, você se encontrar com os valores humanos - o que já vai ser difícil, visto que eles vivem meio

encostados pelos cantos -, verá que eles estão muito mal-tratados, alguns meio deprimidos, outros raquíticos. E talvez eles nem respondam, andam quietos. Têm medo de que os chamem de velhos caretas.

Agora, brincadeira à parte, parece que, nas ciências, não há crise. A crise e dos valores, é na área dos significados das coisas em geral, dos significados que dizem respeito à existência do homem. As pessoas pensam cada vez menos nisso e, quando querem ou precisam pensar, não encontram a hora, o lugar; ás vezes, já não encontram nem mais a linguagem que facilitaria esse pensar. Terapia não pode deixar também de ser isto: o lugar onde se pode ouvir a própria resposta à pergunta inevitável: o que tem valor para mim?

Uma resposta, num exemplo hipotético, poderia ser esta: "Meu valor maior foi sempre fazer urna carreira brilhante. Eu quero nada menos que o primeiro lugar em tudo. Na empresa em que trabalho agora, posso ser promovido para um cargo legal, o mais alto, mas há um outro cara que é super capaz, e eu sei que desempenhar essa função é o sonho da vida dele. Preciso impedir, de

31

qualquer jeito, que ele consiga. Tenho inventado e espalhado algumas coisas sobre ele e garanto que ele sai do páreo, já, já. A gente tem de tirar do caminho quem esta atrapalhando e, se for preciso, a gente pisa e passa por cima. Sei que isso não é honesto com ele, mas, enfim... Não é que eu goste de prejudicar os outros, mas, neste caso, é ele ou eu. Depois ele se arruma de outro jeito. Se a gente ficar pensando nos outros não chega a lugar algum".

Dito em qualquer outro lugar, isso provocaria comentários como: agir assim e errado, e imoral; ou vá em frente, cada um cuida de si.

Mas, quando falado numa sessão de terapia, mesmo que o terapeuta não queira se manifestar no momento, isso suscitaria que tipo de pensamento nele? Será que o terapeuta ficaria entre os dois comentários imaginados acima, tendendo ora para um lado, ora para outro? Ou ele diria para si mesmo que isso não é questão para terapia, é uma questão de valores, e cada um tem os seus? Ou diria que não é função da terapia dar orientação moral? Ou acharia que a pessoa deve ser e agir o mais possível de acordo consigo mesma, com o que sente que é bom para si, e que isso é até mesmo uma questão de autenticidade? Ou será que o terapeuta iria ficar procurando uma interpretação daquelas que, de tão rnirabolantes, acabam de uma vez com esse assunto incomodo? Ora, mas é natural que a terapia se

32

demore nos assuntos incômodos, pois sempre há muito o que pensar naquilo que incomoda.

No exemplo imaginado, no mínimo seria possível pensar em qual é o significado do "outro" para aquela pessoa. O terapeuta poderia se lembrar das palavras do poeta inglês John Donne (1572-1631):

> Homem algum é uma ilha completa em si mesma; todo homem é um pedaço do continente, uma parte do todo; (...) a morte de qualquer homem me diminui, porque eu sou envolvido na humanidade. E, portanto, nunca perguntes por quem os sinos dobram; eles dobram por ti.[1]

Isso quer dizer também que o sofrimento, a dor, a injustiça, impostos sobre um homem, dizem respeito à humanidade toda, a cada um, a mim, a você.

As palavras desse escritor ressoaram tanto que inspiraram dois

títulos de livros, *Homem algum* e *uma ilha,* de Thomas Merton (1915-1968), e *Por quem* as *sinos dobram?,* de Hemingway (1898-1961), que se transformou em filme. Essas palavras lembram que os homens existem de tal modo que não podem eliminar de sua essência o ter de ser sempre ligados aos outros.

---

1. *The complete poetry and selected prose of John Donne.* Coffin, Charles M. (ed.). New York, The Modern Library, 2001.

33

Na peça de Sartre, de 1944, *Entre quatro paredes,2* três pessoas condenadas ao inferno descobrem que a condenação consiste nisto: em não poder se livrar do olhar do outro, do pensamento do outro. A personagem Inês diz a Garcin:

> Você é um covarde, Garcin, porque eu quero que seja. Eu quero, compreende? Eu quero! No entanto, veja que fraquinha que sou, um sopro. Sou apenas o olhar que está vendo você, o pensamento incolor que esta pensando em você.

> Entao, is to é que é o inferno? Nunca imaginei... Não se lembram? 0 enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno... são os Outros.

São palavras duras. Essa nossa condição existencial básica pode mesmo ser vivida como o pior, mas também pode ser vivida como o melhor que temos.

Isso de que falamos aqui não significa a mesma coisa que a noção heideggeriana de "ser-com". Entretanto,

---

2. SARTRE, J. P. *Entre quatro paredes.* Trad. Guilherme de Almeida. São Paulo, Abril Cultural, 1977.

34

as palavras desses outros pensadores nos ajudam a compreender alguns desdobramentos do que esta contido naquela noção.

Ao concebermos O "ser-com" como uma característica básica da existência, dizemos que esse "ser-com" o outro faz parte também da estrutura do "ser-no-mundo". Eu levo o outro comigo, mesmo se não me importo com ele; se sou hostil ao outro; se me afasto do outro numa renúncia necessária em vista de outros ideais; se me afasto do outro porque não gosto de gente; se prejudico o outro; se digo "o outro que se dane". Basta ver que, até para poder articular esses pensamentos, em todos eles, aí esta sempre o outro. E quando alguém o elimina, mesmo concretamente, matando-o, aí estará sempre o outro que alguém matou.

Mesmo sem lhe tirar a vida, é possível infligir ao outro aquelas pequenas mortes, quando alguém intervém na vida dele, deliberada, injustamente, às vezes só por capricho ou por irresponsabilidade, matando seus sonhos e mesmo a sua capacidade de sonhar. Se você se lembrar daquele triste dobrar de sinos, embora não os escutemos, talvez alguns sinos dobrem não só pela tristeza do outro que foi machucado, mas também pela diminuição humana daquele por meio de quem a tristeza e a injustiça se instalaram no mundo, e também pelo mundo que se tornou mais feio. Terapia é um pouco isto: uma rara ocasião de aprofundar o pensamento em coisas que,

35

à primeira vista, parecem ser simplesmente questões de opinião, já

resolvidas, mas que, na verdade, precisam ser pensadas.

Naquele exemplo em que o paciente se propõe a passar por cima do colega, inventando coisas sobre ele, como se posiciona o terapeuta? Será o caso de bancar o grilo falante do Pinóquio e dizer que ele não está sendo honesto com o colega e isso é errado? Ou será que ele vai ficar só no clássico "apontar": parece que você precisa estar sempre em destaque, na frente de tudo; você não tolera frustração; parece que nada pode se interpor entre você e seus objetivos; você não consegue ver ninguém além de você e nada além de seus interesses, etc. O paciente dirá ainda alguma coisa mais e ... não se fala mais nisso - que alívio! -, esse assunto incômodo acabou; na próxima sessão ele trará outra coisa para falar.

Um terapeuta com mais paciência e sensibilidade talvez ache um modo de manifestar a ele a sua estranheza por uma atitude tão desleal, pergunte se isso não o incomoda e, dependendo da sua resposta, não diga mais nada. Não por achar o assunto sem importância ou para não ser moralista, mas porque reconhece que ha horas em que falar precipitadamente estraga tudo. Há certas falas do terapeuta cujo efeito é a banalização de uma coisa séria.

36

No exemplo suposto, ainda não houve tempo para a compreensão do que significa tal comportamento para aquela pessoa em particular. Qual é o sentido mais profundo disso? O paciente expressou o que para ele tem valor e até contou o que faz concretamente para conseguir seu objetivo. Mas, além disso, que outras coisas ele valoriza? O que mais constitui a sua existência? Aonde o leva esse seu modo de ser? Dentro de que contexto de significados o que ele descreve faz sentido? E o terapeuta já tem idéia desse contexto de significados que

é o mundo dele? Será que aquilo que ele disse que é seu maior valor é mesmo o mais importante ou, quem sabe, será um meio para outra coisa, que representa até mais, outra coisa que ele ainda não conseguiu ver e, se conseguisse vê-la, talvez a buscasse de algum outro modo? Então, é preciso calma, facilitar que essa conversa se prolongue que puxe outras, e talvez isso leve tempo.

Com aquele terapeuta que se apressa em dizer qualquer coisa, uma dessas coisas prontas que vêm à cabeça, o paciente se apressa em responder também qualquer coisa: "Esse é o meu jeito mesmo, é assim que eu sou. E *daí?". O* terapeuta ainda pode entrar com possíveis explicações: deve haver muita insegurança por trás dessa sua necessidade de ganhar sempre; você precisa de um cargo importante para sentir que vale alguma coisa; O outro é sempre visto por você como uma ameaça, e você

37

tem necessidade de destruir essa ameaça; você continua como uma criança que precisa mostrar para os pais o quanto é "o bom"; você precisa ser o primeiro para poder superar seu pai. E vai por aí afora. Mas o que resulta de conversas pré-fabricadas desse tipo? Pois se eu, que não conheço esse paciente, visto que ele nem existe, acaba de ser inventado, posso dizer essas coisas sobre ele, por aí você pode ver o quanto determinadas falas de terapeutas são estereotipadas: valem para qualquer paciente e não valem propriamente para nenhum. Por isso é que a terapia deve ser um trabalho artesanal, de criação exclusiva para aquele paciente, e não um produto *pret-a-porter.*

Suponha que o terapeuta ouviu o que o paciente disse, conteve-se, e parece que agora é ele quem tem um problema. O que ele pensa sobre o ato de, deliberadamente, prejudicar outra pessoa para se sair bem? Pro-

vavelmente, ele acha que isso não é certo. Mas isso é um valor dele. E os valores do terapeuta podem afetar a terapia? Nao é função da terapia dar lições de moral. Mas é próprio da terapia lidar com as questões importantes que afetam a existência do paciente. E aquela questão trazida pelo paciente, que representa sua maneira de ser-no-mundo, de ser-com o outro, isso é importante? Se for importante, é preciso cuidar dela. Mas é importante

38

por que? Será que é porque é preciso evitar que as pessoas sejam prejudicadas pelos espertos da vida? (No caso, o colega do paciente.)

Embora haja aí uma boa intenção, isso foge do prop6sito da terapia, não é o que ela se propõe a fazer (porque não é específico dela e porque não somos onipotentes). Nosso mundo está sendo aquele do vale-tudo, do salve-se-quem-puder, e isso é ruim, mas, ainda assim, o compromisso da terapia é, em primeiro lugar, o cuidado do paciente. Quando o paciente entra em sua sala, o cuidado é dirigido a ele; o mundo lá fora está fora; mas lembre-se de que o paciente é ele mesmo um mundo, e, quando você cuida bem dele, é do mundo que você está cuidando - homem algum é urna ilha.

Voltando à pergunta acima, por que, então, é importante lidar com o assunto trazido por aquele paciente? Se não é para proteger os outros, se o paciente, ao agir daquele modo, está de acordo com o que ele acha que dá sentido à vida dele, se lealdade é um valor do terapeuta e não do paciente, por que, então? Não seria mais apropriado nos mantermos na neutralidade, imparcialidade, na indiferença? Mas como manter indiferença diante de certas coisas? É possível dizer que tanto faz gostar ou não de futebol, mas não é indiferente que alguém mate o torcedor contrário quando seu time

39

perde; tanto faz comer pêra ou maçã, mas não pode ser indiferente ver alguém, a seu lado, passar fome; tanto faz preferir cerveja ou vinho, mas você não vai ficar indiferente se seu filho estiver se tornando alcoólatra, com cerveja, vinho ou outra coisa. Aquelas situações que agridem os significados mais importantes que temos não suportam indiferença. Elas solicitam interesse, solicitam cuidado.

Mas aquele relato do paciente mexe com algum significado importante para que mereça ser cuidado? Em primeiro lugar, para o terapeuta que estou imaginando, mexe com algo que significa muito para ele: a existência de seu paciente. Mas por que esse terapeuta se preocupa, por que ele vê naquele modo de ser que é descrito pelo paciente algo que solicita o seu cuidado? O paciente diz que está fazendo o que acha certo, parece que não está sofrendo nem um pouco e até vai se dar muito bem. Então, por que não olhar esse "pisar no outro", descrito por ele, com neutralidade?

É que esse terapeuta é tocado quando se aproxima de uma existência que, entre tantas outras possibilidades, desenvolve exatamente essa que a atrofia.

Mas atrofia por que? Seu paciente vai pisar no outro, vai conseguir o cargo, chegará ao topo da carreira, ganhará muito dinheiro, comprara o que quiser, viajará muito, terá as mulheres mais lindas. Será que o terapeuta

40

acha isso pouca coisa? Não, é até coisa demais. Mas seu paciente dá uma amostra do muito pouco que ele sabe fazer para ser feliz. Se sua existência, de acordo com a amostra que ele dá entrar nessa bitola, sempre haverá mais uma meta a ser atingida, provavelmente pelos mesmos meios, e sempre haverá outros pisados ao longo do caminho; e sempre haverá outros de quem ele talvez quisesse se aproximar ou que

ele quisesse manter junto de si, e que vão se afastar dele. Se existir e "ser-com" o outro, que forma triste é essa de levar o outro consigo em sua vida: sempre o outro que se precisa driblar, o outro que vai servir de ponte para outra coisa, o outro que não esta no seu coração, o outro em cujo coração não se consegue estar. Se existir é "ser-no-mundo", como devem ficar encolhidos os significados de um tal mundo. Que significados pode ser capaz de dar para as palavras amor, amizade, compaixão, respeito, solidariedade, vida, vida humana, Terra, alguém cujo grande objetivo é ser o primeiro a qualquer preço, o mais bem-sucedido, o poderoso? Essa não é a única, mas é uma das formas de se empobrecer uma existência.

Mas por que chamar de pobre a existência de alguém cuja vida caminha em direção ao sucesso? Talvez porque essa existência siga em frente como aquele cavalo que, com uma cenoura pendurada a sua frente, marcha sempre visando a cenoura, e, com viseiras, não

41

enxerga mais nada ao longo do percurso. Pisa no que estiver à frente e segue; periodicamente come urna cenoura, e sempre aparece outra diante dele que o obriga a continuar. Essa busca da cenoura, isto é, do sucesso e do poder, é extremamente auto-estimulante e acaba por ser predominante na vida, porque o sucesso exige muito empenho para ser mantido, o poder exige vigilância perene. Por isso, esse é um modo de ser que tende a se tornar absorvente, e o restante da existência fica atrofiado. Isso é 0 que a torna pobre. Talvez seja esse o motivo pelo qual o terapeuta, ao pensar no desdobrar-se da existência daquele paciente, sente que aquela sua fala indica algo que precisa ser cuidado. E, como a existência do paciente tem significado para ele (0 terapeuta), esse é um daqueles casos diante dos quais é difícil permanecer indiferente.

Então, diante daquela fala do paciente, o terapeuta ouve... e depois? Deixa que ele continue a falar, a abrir a sua vida. Será que ele se limita a ser o cara capaz de ser desleal com seu colega? E do que mais a vida dele é feita? Ele terá outros sonhos? *o* que será que ele já sofreu? o que dói nele? ou ele não é capaz de sentir que algo dói? Mas, de qualquer forma, ele deve sentir que algo esta difícil, pois, afinal, ele procurou a terapia. Por que será que ele procurou a terapia? Abrir tudo isso leva tempo. E o tempo, na terapia, é para isso mesmo; é ocasião para

42

que a vida se mostre, é com ele que contamos para fazer a fenomenologia de uma existência; o tempo pode trabalhar a favor da desocultação.

Mas aquilo que na desocultação pode se dar só se dá quando encontra a abertura humana que o acolhe. O terapeuta está lá para ser essa abertura, numa disponibilidade para a compreensão daquilo que chega e se mostra; daquilo que não se mostra diretamente, mas se insinua, e, com paciência, acaba por aparecer; e também daquilo que nem sequer se insinua, visto que dele nem podemos dizer que "é", mas que passa a "*ser*" quando pode, enfim, articular-se na linguagem – a "linguagem" é a morada do *ser*" -; e, para isso, vai ser preciso mais paciência ainda.

Paciência não é aquele esperar flutuante pelo momento em que, enfim, entre em cena algo suficientemente interessante em que você se digne concentrar sua atenção. Essa paciência desatenta é desinteresse por quem está com você na sala. Tudo que se passa ali merece uma atenção concentrada. Mesmo aquela fala do paciente que pode, à primeira vista, parecer uma evasão das coisas mais sérias que pode mesmo ser isso, precisa ser bem ouvida. Não é sem sentido o seu

aparecimento. Tanto que é de umas coisas, e não de outras, que ele prefere falar em seus desvios. Por mais que sua fala, às vezes, seja impessoal e distanciada do si-mesmo, ela conta sempre algo do paciente.

43

A paciência e pronta; atenta não só ao que é dito, mas ao como é dito, a voz mais solta ou embargada, aos rodeios, aos desvios, aos silêncios; e atenta aos gestos do paciente, a sua postura. Essa paciência é a que permite estar em sintonia com a tristeza dele e, às vezes, sem achar que isso é perder tempo, poder rir com ele - a terapia não é feita só de lágrimas -, quando naquele dia o paciente traz o seu lado bem-humorado e as coisas boas da sua vida, porque isso também faz parte da vida dele. A boa paciência faz parceria com o tempo, não o apressa, mas aproveita todas as deixas que ele dá, não desperdiça oportunidades. E, para isso, é preciso que não se esteja ansioso para *"mostrar* serviço" - a ansiedade faz enxergar torto -, mas disponível o tempo todo. Talvez um bom nome para essa paciência disponível e envolvida seja serenidade.

E a serenidade que facilita o pensar que é essencial na terapia. Este é diferente daquele pensar que consiste em colocar o que se apresenta em termos de um problema - equacionar o problema, é como dizemos -, levantar as alternativas, examiná-las, calcular risco e vantagem de cada uma, optar pela alternativa que melhor soluciona o problema, isto é, que acaba com o problema, e do modo mais rápido possível!, de preferência. Solucionado esse, passamos para outro. Diante de algumas situações é possível fazer isso.

44

Mas como seguir esse esquema com alguém que sofre a decepção de um abandono, de uma perda muito grande; que se depara, de repente, com urna impossibilidade arrasadora de todos os seus

planos; ou alguém que, como aquele paciente que imaginei (e larguei lá atrás, nesta conversa, diante do terapeuta), nem sequer vê o seu modo de ser como uma questão a ser pensada? Você já tentou colocar uma situação dessas naquele esquema de pensar que resolve problemas? Como é que se faz isso? Eu não sei. São experiências da vida que precisam ser vividas, pensadas, e, aqui, o pensar é de outra ordem; e se forem experiências muito amargas, vai ser preciso curti-las, naquele sentido em que dizemos que a cidra é um certo tipo de laranja têm de ser curtidas, por algum tempo, deixando-as numa água que vai sendo trocada até que percam todo o amargo, para depois serem transformadas em doce. Jung tem razão ao dizer que há problemas na vida que não são solucionados, são ultrapassados.

Agora, voltando àquele terapeuta diante do seu paciente, que é mesmo que ele vai fazer além de ouvi-lo cuidadosamente, de favorecer que a existência dele se mostre o mais possível, de, junto a ele, compreender e explicitar os significados que compõem o seu mundo, de alargar sua capacidade de ver significados, de ver o

45

sentido ou O rumo que sua vida segue, de repensar com ele o que, na verdade, ele quer fazer de sua vida? Além disso, tudo, o que mais deve ocorrer na terapia? Talvez algo que não foi dito aqui, mas que, certamente, já foi se dando no decorrer do tempo, pois terapia também é isto: possibilidade de alguém perceber que tem do seu lado uma pessoa que o conhece bem e que confia na sua capacidade de mudança, caso ele sinta que quer modificar algumas coisas da própria vida.

Se o terapeuta tem um fazer que contribui para que algumas coisas aconteçam, o que é isso que, concretamente, constitui esse fazer? o que

se faz é ouvir e falar? Mas, então, e só uma conversa! É mesmo só uma conversa, muito especial, em que se exercita o essencial do conversar: ouvir, falar, silenciar. E olhe que isso não é fácil! Não é fácil ouvir uma coisa ate o fim, sem ficar interrompendo, sem querer antecipar o que o outro pretende falar; não é fácil achar a linguagem apropriada ao falar; não é fácil silenciar nem suportar silêncio.

Sobretudo, no que diz respeito à fala do terapeuta, ele precisa prestar muita atenção no sentido dela, isto é: por que ele esta dizendo tal coisa para este paciente? A fim de que? Ao dizer isto para o paciente, o que ele pretende? Mostrar que esta prestando atenção? Mostrar que conhece uma teoria que explica isso? Fazer por merecer

46

o dinheiro que ele paga - ora, afinal, precisamos ter alguma coisa para dizer? E pelo costume de ter sempre algo interessante a dizer? É só para que o outro veja como ele é perspicaz? Ele quer mostrar que sabe mais que o paciente? E isso é urna demonstração de poder? E, no caso de ele já ter compreendido algo a respeito do paciente, mas algo cuja compreensão, pelo paciente, possa ser ainda prematura, por que a pressa de falar sem considerar antes se é o momento? Ele faz isso em nome do que? Será em nome da verdade? E o que o paciente vai fazer com isso? Com calma, vai chegar o momento em que aquilo vai poder ser dito, vai dever ser dito e, embora possa doer, vai fazer sentido para o paciente.

O terapeuta deveria ter cuidado também ao falar, apressadamente, determinadas coisas que, no momento em que o paciente está vivendo, podem ser mal compreendidas por ele. Por exemplo: O paciente diz que tem vontade de fazer algo que, por respeito a determinadas regras ou convenções, ele mesmo acha que não deve fazer; o terapeuta, então, com a intenção de aproximá-lo daquilo que

é mais "propriamente" ele - daquilo que talvez até sejam os verdadeiros motivos pelos quais ele não faz aquilo que diz desejar fazer -, na pressa, pergunta: "E por que não faz?". Para o terapeuta, essa pergunta tem todo um sentido. Mas, para o paciente, isso pode soar como: "Pois faça!". E o paciente, em seguida, vai e faz.

47

De uma hora para outra, sem tempo de ter sido colocado nada no lugar, o terapeuta *derrubou* um *limite* que, embora a partir da "impropriedade", estava tendo a função de manter alguns significados muito importantes na vida do paciente. O terapeuta faz isso em nome do quê? Ele não podia esperar que o paciente, aos poucos, chegasse aos verdadeiros motivos do seu fazer ou do seu não fazer, chegasse aos seus porquês?

O terapeuta cuidadoso no falar corre menos risco de dizer bobagem e de falar fora de hora. Dá para vermos que essa conversa que constitui a terapia e especial, e delicada, porque o que está em jogo é a existência de alguém que, em principio, confia no terapeuta.

Isso não quer dizer que o tempo todo tenha de ser uma conversa sisuda, profunda, sempre centrada num tema serio. Uma sessão comporta alguma brincadeira, algum comentário leve sobre um assunto qualquer. Com alguns pacientes, essas coisas aparecem em algum momento da sessão, e podem ate ajudar na formação de um vínculo facilitador de confiança; podem favorecer a entrada em assuntos mais sérios; mas, mesmo que não consigamos essa entrada, não foi tempo perdido. Provavelmente, naquele dia, o paciente precisava daquela vivência mais descontraída com seu terapeuta. Ela não terá sido inútil, pois, numa conversa aparentemente fútil na

48

terapia, muito do paciente se mostra, e isso, num outro momento, vai ajudar na compreensão que o terapeuta tem dele.

Essas pequenas falas "sem importância" que podem acontecer numa sessão, que terapeuta e paciente sabem que são pequenos parênteses no desenrolar de uma hist6ria sofrida, não são elas as bobagens que devem ser evitadas na terapia. Bobagens são algumas coisas sem nexo, deslocadas ou inadequadas, e, o que é pior, fantasiadas de coisa séria, que são ditas por alguns terapeutas.

Também uma outra coisa a ser considerada é que, com alguns pacientes, não cabe nenhuma brincadeira. O terapeuta precisa discriminar as situações. Algumas pessoas podem se sentir pressionadas a ter de descobrir algum sentido oculto em qualquer coisa dita pelo terapeuta. Às vezes, a dificuldade daquele paciente é exatamente esta: poder perceber diferenças entre os contextos em que as coisas são ditas.

Bem, se terapia é uma conversa, mas uma conversa muito especial, será que há uma técnica definida para o seu acontecer? Se você entender técnica como um jeito de conduzir a sessão (por exemplo: permitir-se ou não fazer perguntas; responder ou não a perguntas mais diretas feitas pelo paciente; fazer ou não interferências em

49

seus relatos; dizer algo a cada a momento em que você percebe que aquela fala do paciente faz sentido para você ou deixar para mais no final da sessão fazer um apanhado mais amplo, etc.), é claro que sim, e cada terapeuta vai se sentir mais a vontade de um jeito, vai fazer isso de uma maneira. Nesse caso, poderia ser dito que cada terapeuta desenvolve urna técnica, ou seja, o seu jeito de estar na sessão.

E, além do fato de cada terapeuta desenvolver um modo de

trabalhar que é o mais propriamente seu, esse seu modo pode precisar se adequar às condições diversas de cada paciente.

Por isso, é importante a troca de experiências entre terapeutas. Isso permite saber como o outro trabalha e pode ser enriquecedor para todos. Mas o que vai sair enriquecido será sempre o jeito de cada um.

Mas se você entender técnica no seu sentido atual da época chamada tecnológica, a resposta para aquela pergunta é não, pois aqui técnica é a aplicação pratica de um conhecimento científico-teórico a um campo de atividade. Ela pode ser traduzida em um conjunto de regras ou procedimentos que tem em vista um resultado; tais procedimentos são o mais possível, padronizados. É ciência aplicada numa situação concreta.

E como falarmos em ciência aplicada quando o trabalho que fazemos se fundamenta nos pressupostos da

50

fenomenologia? Qual a teoria científica a ser aplicada? Pois teoria científica (a não ser que estejamos falando em ciência num sentido muito amplo, em que estariam incluídos conhecimentos de várias naturezas, mas aí então já teríamos saído do âmbito da tecnologia atual) é um conjunto de hipóteses sistematicamente organizadas, que pretende, através de sua verificação, confirmação ou refutação, explicar uma determinada realidade (por exemplo: a teoria da relatividade, a teoria da evolução). As ciências naturais correspondem bem a essa definição de teoria científica.

Compreendemos que aquela psicologia, que tem como seu objeto de estudo seja o comportamento humano, seja o funcionamento cerebral em sua relação com os aspectos mentais, seja um psiquismo concebido como uma estrutura regida por leis - de qualquer forma, sempre algo que possa ser equiparado, em sua condição de objeto de estudo, aquele

das ciências naturais -, aspire ao nome de ciência e mereça-o, mesmo que nem sempre possa ser uma ciência rigorosamente experimental. Ela propõe hipóteses, procura verificá-las, pretende chegar a leis explicativas de um fato. Está interessada em explicar mecanismos de funcionamento, em estabelecer relações causais de algum tipo.

A psicologia que faz isso tem sua razão de ser, ela nos informa sobre muita coisa que diz respeito ao homem.

51

Só como exemplo, é muito importante o que aprendemos, desde Skinner, sobre o papel do reforço na explicação do condicionamento operante, sempre tão presente. E a psicologia comportamental não parou de evoluir.

Mas se você escolheu o referencial da fenomenologia para trabalhar, e ainda mais especificamente a Daseinsanalyse, você não está trabalhando com base numa teoria científica de psicologia (o que não implica ser contra a ciência nem ficar impedido de usar informações provindas de qualquer teoria de psicologia quando sentir que elas vão ajudá-lo a compreender alguma coisa do seu paciente). Se a técnica é a aplicação de uma teoria cientifica em vista de um resultado, e não estamos partindo de urna tal teoria, de onde vamos derivar urna tecnica?

Dizer que não partimos de uma teoria científica, nem mesmo de uma teoria "cientifica" que possa ter tido inspiração fenomenológica, não significa que trabalhemos sem referencias *a priori,* num vazio intelectual, numa improvisação irresponsável. Ao contrário, trata-se de um fazer que exige uma fundamentação de outra natureza e muita responsabilidade.

Num dizer mais rigoroso, o fenômeno com o qual lidamos não é um "psiquismo", que precisaria de uma teoria psicológica científica para

explicá-lo. Lidamos com o fenômeno da existência, e, segundo a concepção de que

52

partimos, a existência é, em cada caso, a minha, a sua, a do paciente em sua sala. Ora, embora em outros tempos ciência já tenha significado algo diferente, no mundo em que vivemos damos o nome de ciência à elaboração de um conhecimento que trabalha com hipóteses que devem ser verificadas, que estabelece suas condições de refutabilidade, que usa procedimentos estatísticos, que chega a leis gerais. Você acha que a fenomenologia faz isso que a ciência faz? Como ela poderia fazer ciência, tal como esta e compreendida, com caso único? A chamada teoria cientifica, tal como descrita acima, não é ponto de partida nem de chegada da fenomenologia. A pesquisa fenomenológica precisa buscar a sua especificidade.

E com paciente em nossa sala, o fenômeno que buscamos compreender e explicitar, para ele principalmente, é a existência dele. Se estivéssemos ancorados em uma teoria, talvez isso facilitasse nosso trabalho. Como não estamos, somos solicitados a ter para cada um deles um olhar especial, único, atento ao sentido daquela vida; mas esse olhar será tão mais profundo e apropriado quanta mais tivermos nos aprofundado na compreensão do que caracteriza a existência humana.

Essa compreensão é fundamentada em tudo aquilo que, de alguma forma, nos conta o que é o ser humano, ou seja: a literatura, a história, a religião, a mitologia, a arte em geral, as informações científicas, as informações

53

da psicologia e, especialmente, uma filosofia que tenha como preocupação específica urna compreensão da existência; em nosso caso, contamos com o pensamento da Daseinsanalyse.

Se o que você faz não puder ser chamado de ciência, de acordo com o que a palavra ciência significa hoje, isso torna menor ou menos valioso o que você faz? Por quê? Você acredita que a ciência é o único caminho? Você faz fenomenologia, e esse é, simplesmente, um outro caminho.

Alguém diria: que situação! Não temos uma teoria científica, não temos urna técnica definida e padronizada. Então, o que é isso que fazemos? A resposta é, novamente, a mesma: é uma fenomenologia da existência, e isso é terapêutico.

Fenomenologia não é urna teoria. É um modo de se aproximar de um fenômeno, que se caracteriza, principalmente, por deixar que ele se mostre tal como se apresenta o mais possível sem a interferência das teorias já existentes sobre ele. Mas o fenômeno só se mostra quando alguém olha para ele, aproxima-se dele na procura de compreendê-lo e explicita-o na linguagem. Na terapia, o fenômeno em questão é a existência do paciente. É isso o que se revela no decorrer das sessões. Mas por que isso seria terapêutico?

54

Terapia vem da palavra grega therapeia-as, de therapeúein, e tem os significados de: servir, honrar, assistir, cuidar, tratar. O cuidado com alguma coisa, por exemplo, uma planta, supõe que ela deva ser plantada no solo adequado, tenha a luminosidade de que precisa, receba água, etc. Supõe também precisar interferir, ás vezes, naquilo que esta prejudicando o seu desenvolvimento: a terra que se tona pobre, as pragas que atacam o tronco que se entorta. Essa interferência significa cuidado, e podemos dizer que tal cuidado é terapêutico para a planta. Mas cuidamos a fim de que? Cuidamos dela para que se torne o melhor

possível, a planta que está destinada a ser: para que ela dê as peras mais gostosas ou as margaridas mais bonitas.

Ou, então, quando se trata de uma criança, alguém procura dar a ela todas as condições para uma boa saúde ou para que cresça bem. Isso não garante, entretanto, que ela não venha a sofrer de alguma doença, que não esteja sujeita a algum acidente. Se isso acontecer, então, vai ser preciso interferir; trataremos dela com exercícios especiais, remédios, cirurgia, com tudo enfim que é conhecido como capaz de devolvê-la ao seu rumo de desenvolvimento na direção da plenitude que sonhamos para ela. Esses serão cuidados terapêuticos.

Num exemplo mais delimitado: alguém pode ter sua mão impedida de desempenhar suas funções mais

55

essenciais por causa de doenças, de traumatismos. Um cuidado terapêutico tentará fazer com que aquela mão se reaproxime de novo daquilo que ela, na condição de mão, deve ser. Trata-se de devolver a ela, o melhor que pudermos aquilo que é próprio da mão ou, dito de outro modo, trata-se de devolver a mão ao que ela é destinada.

Entao, qualquer cuidado terapêutico tem a ver com o devolver, recuperar ou resgatar para aquilo que é cuidado algo que diz respeito a ele e que por algum motivo foi perdido ou prejudicado; isso quer dizer: favorecer que aquilo de que se cuida retome mais plenamente aquilo que se espera dele, ao que é próprio dele.

Visto que aquilo de que se cuida na terapia é o fenômeno existência, e permitir que esse fenômeno se revele, compreendê-lo, explicitar essa compreensão numa linguagem é fazer sua fenomenologia, será que fazer isso é um cuidado terapêutico?

É terapêutico porque fazer essa fenomenologia desoculta os sonhos,

as perdas, os ganhos, o sentido ou a falta de sentido da vida. E o falar disso tudo acaba por constituir a abertura que possibilita ao paciente compreender que é dele a responsabilidade por sua existência e que existir é dedicar-se ao "cuidado". (Considerado ontologicamente, o "cuidado" é um caráter essencial do Dasein, mas sua realização ôntica é exatamente o difícil do existir.

56

O ser humano vive o cuidado, na maior parte do tempo, em seus modos privativos, ou seja: descuidando - na negligência -; cuidando pouco; cuidando muito de muitas coisas, mas se desviando daquilo que seria o essencial para o sentido de sua vida; destruindo o que encontra em seu caminho.) Ao falar de sua existência, o paciente pode perceber como tem sido, em seu cotidiano, o seu "cuidar" de si, dos outros, das coisas. Quando tudo isso é compreendido na terapia, aquele modo de ser cuidadoso, que realiza plenamente uma existência, pode ser devolvido à pessoa ou mesmo inaugurado por ela. Ou, dito de outro modo, aquela existência particular pode se aproximar mais daquilo que é essencial a ela, daquilo a que ela é destinada, o "cuidado". Terapia também é isto: momento de cuidado pela existência do paciente, cuidado esse que consiste em devolver a ele, o paciente, a obrigação do cuidado.

Entre os que desconhecem o que é fenomenologia, há os que a consideram, como a palavra poderia sugerir à primeira vista, um modo de pensar que fica "só" nos fenômenos, e isso significaria ficar na superficialidade de tudo. Esses acham que, como o fenômeno, segundo eles, é mera aparência, quem faz fenomenologia está sempre muito longe de conhecer qualquer coisa que, esta sim, mais no fundo, seria a verdade.

57

No que diz respeito ao que e fenômeno e ao que é conhecer, estamos diante de questões que são da filosofia, da epistemologia. Quem trabalha com fenomenologia precisa estudar muito para saber o que está fazendo.

Ao pensar nessa história de ficar "só" no fenômeno, tendo em vista aquela fenomenologia da existência que acontece na sala de terapia, isso me faz lembrar uma outra coisa, dos versos de Fernando Pessoa em "O Guardador de rebanhos": aí ele diz que, diferentemente do Tejo, que faz pensar em lugares distantes, "o rio da minha aldeia não faz pensar em nada. Quem esta ao pé dele, está só ao pé dele".[3] paciente na minha sala é como o rio da minha aldeia: quando estou com ele, "só" estou com ele. Não somos eu, ele e a minha teoria; eu, ele e minhas preferências pessoais; eu, ele e uma técnica. Só "permanecer" junto a ele já e suficientemente pleno em termos de possibilidades de compreender o que é o mais importante dele, de aprofundar o próprio olhar em direção ao que mais propriamente é ele.

A superfície de um rio é a primeira coisa que aparece. Você diria que ela é mera aparência? Não, ela é verdadeiramente a superfície daquele rio, e esta lá para ser vista: provavelmente, ela reflete o céu, as arvores que

---

3. Pessoa, F. *Obra poética.* Rio de Janeiro, Companhia Jose Aguilar, 1969.

estão ao redor; se houver peixes, alguns subirão à tona; se tiver chovido muito, a água se tornara turva, se houver poluição, a água será suja; pode ser até que por ali passe um barco. A superfície do rio não é

menos rio, e ela não é sempre igual, pois o rio corre.

Ha terapeutas que ficam sempre tão preocupados em descobrir alguma coisa que deve estar no fundo, sempre por trás do que está sendo dito, do evidente, que desqualificam tudo o que está diante dele. Interessante é que há pacientes que acabam por se acostumar com esse estilo, e acreditam no poder do terapeuta de descobrir coisas que só ele, o terapeuta, sabe, não importa se aquilo faz ou não sentido para eles, os pacientes.

De um rio, assim como de todos os objetos que ocupam um lugar no espaço físico e tem comprimento, largura e altura, é fácil dizer o que é profundidade e o que é superfície. Mas do fenômeno existência, cujo ser espacial significa algo de natureza completamente diferente, já não é tão simples dizer o que dela é superficial e o que, no seu caso, significa profundo.

Temos a tendência de achar que aquilo que a pessoa é "de verdade" é o profundo, e fica "no fundo", escondido até dela mesma. O que aparece, como a palavra pode sugerir, seria só aparência.

Mas para quem faz uma fenomenologia da existência, nada da existência é mera aparência. Ao mostrar-se,

59

ela o faz como tudo aquilo que se mostra, que se apresenta: sempre ocultando e sempre desocultando algo. E há sempre alguma verdade no que se desoculta. Alguém poderia perguntar: e como se conhece a verdade toda? Mas será que alguém pode conhecer a verdade toda sobre alguma coisa?

Com relação ao paciente, talvez mais superficial ou mais profundo seja o olhar do terapeuta, seu modo de compreender. Uma compreensão não é mais profunda porque perfura mais "camadas", mas porque abarca melhor o que se manifesta, que nunca é um item isolado, mas é sempre

algo que deve fazer sentido dentro da rede de significados que é o mundo daquele paciente.

Para motivar esta conversa, tínhamos imaginado aquele paciente que descrevia para o terapeuta o seu modo de ser com as outras pessoas. Isso exemplifica apenas urna das inúmeras maneiras de desconsideração pelo outro. A desconsideração pode existir nas relações amorosas, familiares, de amizade, ostensivamente ou não.

Mas o terapeuta se depara também com o tipo oposto: aquela pessoa cuja existência parece ser o banquinho onde o outro sobe para alcançar algo ou o piso sobre o qual o outro anda; ora ela é um utensílio, ora é um brinquedo, ora é uma jóia, mas sempre ao sabor dos interesses do outro, e acaba por já não saber bem quem

60

Ela é ; sua existência se empobrece por falta de um sentido que lhe seja próprio.

Essa forma de ser não se confunde com aquela da pessoa solícita, solidaria, atenta às necessidades do outro, o que pode implicar mesmo algum sacrifício pelo outro; nesse caso, a pessoa sabe que seu ser solícito diz respeito a ela, dá sentido a sua vida. Quando esse modo de ser é trazido para a sessão, podemos perceber que ele surge numa afinação que indica que tal pessoa está em paz com o que faz.

Ao contrário, aquele se deixar usar, que caracteriza a pessoa que é assim porque não consegue ser de outro jeito, surge misturado com um sentimento em que transparece um quê amargo, mesmo quando disfarçado por uma aceitação.

O terapeuta compreende o sentimento da pessoa e teria vontade de que ela percebesse logo o que acontece e mudasse sua forma de ser. Mas a vida do paciente diz respeito primeiramente a ele mesmo,

e ele é quem primeiro conhece seus limites, quem sabe se quer ou não fazer mudanças em sua vida, e, no caso de querer, saberá a hora de fazê-las. O terapeuta deve se lembrar de que aquele jeito de ser do seu paciente está vinculado a outros significados da sua vida: por exemplo, aquele pode ser para ele, que conhece bem a pessoa com quem convive, o único meio que encontra para garantir algo

61

importante na sua vida; pode significar o quanto ele se percebe limitado; pode representar a necessidade de aceitação de um destino previamente traçado, etc. Entao, *não é simples para alguém alterar algo já instalado em* sua vida; as possibilidades de mudança podem parecer muito assustadoras.

Há pacientes que querem e precisam se queixar da vida que levam, durante muito tempo, e não vislumbram nenhuma possibilidade de mudança. O terapeuta *poderia se perguntar: "Mas, então, por que ele não pára* de se queixar?". Talvez porque ele precise daquele espaço para isso, precise de alguém que possibilite que ele fale e escute a si mesmo descrevendo a própria vida, e assim possa, aos poucos, acreditar que a vida dele e mesmo aquilo que ele descreve, ou seja, não é o que ele deseja para si. Pequenos toques do terapeuta podem ajudá-lo, ao menos, a perceber que ele tem uma questão a ser pensada, uma questão a ser cuidada: a sua vida.

São muitos os motivos pelos quais as pessoas sofrem: umas, porque são abandonadas, outras, porque precisam abandonar alguém; umas, porque não têm opções de escolha, outras, porque não conseguem se decidir entre tantas opções; algumas trazem uma história diante da qual pensamos: "Mas como ela agüentou isso?". Diante de outras, demoramos a perceber por que estão tão infelizes - mas elas

estão realmente infelizes.

62

Alguns reconhecem que, vista de fora, a vida deles parece muito boa, até privilegiada, quando comparada com os sofrimentos de certas pessoas; mas saber disso não impede que eles estejam muito infelizes. Sabem que estão deprimidos, que estão entediados, que não estão se agüentando. O sofrimento não dá para ser medido e pode quase nem ser notado por alguém mais distraído.

Uma arvore pode cair despedaçada por um raio ou esmagada por urna grande pedra, e todo mundo vê. Uma outra, a gente quase nem percebe, mas ela vai perdendo o viço e, lá um dia, está seca. Foi prejudicada por parasitas ou por pragas que se instalaram nela. Acontece isso também com algumas plantas que começam a murchar em seus vasos. São atacadas por pulgões, por cochonilhas, que lhes roubam o vigor. Às vezes, demoramos a perceber o que está acontecendo; e como é difícil, depois, livrar a planta dessas pragas quase invisíveis!

Com as pessoas também se passa algo assim. Podem ser invadidas por certos sentimentos, certas vivências de mágoa, de desamor, de desencanto, que parecem insignificantes, mas, como as plantas, elas também murcham; é mais outra forma de urna existência empobrecida.

Você pode ter em sua sala alguém que está assim, quem sabe também perdendo o vigor da vida. É uma moça

63

que dispara a falar, como se estivesse passando em revista a sua vida e, já no fim da sessão, diz, entre outras coisas: "Mas está tudo certo, tudo no lugar, tenho tudo, mas sabe como é, fica sempre uma coisa que eu não sei bem o que é, mas não me falta nada; é claro que

tenho uns probleminhas com as crianças, você sabe o que é criança, mas isso todo mundo tem, não é? É só não tendo filho, mas aí também a vida ia ficar sem graça; nossa, não sei o que seria de mim sem eles; as vezes eu falo isso pro meu marido; ele diz que eu sou exagerada; homem é meio desligado é chegado a romantismos, diz que isso é bobagem; o que interessa é que tudo o que ele faz é pra gente, e é verdade mesmo, ele não deixa faltar nada em casa, não posso reclamar, tenho até medo de ser injusta, nem sei por que estou falando disso; mas, sabe, ele é diferente de um outro cara que eu namorei quando eu era mais menina, ah ... , é muito diferente; já sei, acho que estou falando disso porque eu sonhei com esse cara ontem, cada sonho bobo que a gente tem, mas isso é coisa do passado; minha mãe diz que águas passadas não movem moinhos, o que interessa é o dia de hoje; e, aliás, por falar em hoje, não sei o que vou mandar minha empregada fazer pro jantar; elas nunca sabem, todo dia é isso; eu não devia

64

nem reclamar, tem gente que nem tem o que comer e eu aqui reclamando; vida de dona de casa é essa; também, quem mandou eu largar o meu trabalho de professora de inglês quando eu casei, eu gostava, mas até que foi bom largar, eu não ganhava grande coisa mesmo; tenho uma amiga que continuou dando aula, trabalha o dia todo, de noite ainda tem que ver a lição de casa do filho dela; também o menino está ficando insuportável, dando o maior trabalho, também, com a mãe fora o dia todo; pelo menos os meus estão indo bem na escola, eu estou ali o dia inteiro, presente, sou o tipo da mãe presente, essa culpa eu não tenho; criança, se a gente larga, você não sabe o que vai ser, ainda mais nos dias de hoje; é diferente de quando eu era menina, minha mãe era legal, mas não dava moleza; cheguei a apanhar

urna vez do meu pai, eu nem merecia daquela vez, mas eu era meio maluquinha mesmo, até que pelo menos eu aproveitei meus bons tempos; sabe que uma vez eu até ganhei um concurso de dança no colégio? Eu adorava dançar, era bem diferente de hoje, até que eu criei *juízo,* agora é tratar de esperar que as crianças cresçam mais, quem sabe meu marido resolve viajar comigo um pouco pra qualquer lugar aí; o problema vai ser ter com quem deixar os meninos; bom, mas até lá se resolve, não ha nada que não se resolva não é? Só pra morte é que não tem remédio, o resto a gente vai levando, mas, sabe, tem hora que não sei o que me
65
dá, parece que eu não agüento, eu perco a paciência com os meninos, depois fico com dó, eles não têm culpa, mas é que eu fico estressada, não sei por que; mas deixa isso pra lá; nossa, falei muito hoje, acho que já deu o nosso tempo".
E agora? Você ouviu tudo? Ouviu nas entrelinhas? É difícil, não é? 0 que foi feito daquela menina que adorava dançar?

Nada. Ou melhor, dela, alguma coisa foi feita, sim essa mulher que está murchando, tomando-se amarga -, e não demora o dia em que alguém vai dizer a ela:
"Não tá dando pra agüentar essa tua depressão; para de ser chata!".

Imaginei essa moça falando daquele jeito, em disparada, sem poder se deter nas suas mágoas. Por que será que ela fala assim? Em três minutos ela passa por alto sobre seus dissabores, pequenos dissabores, diria alguém. Ninguém morreu ninguém está doente, filhos perfeitos, marido bom, não falta dinheiro, tem de tudo; ela quer o que? Será que ela pensava que ia para sempre continuar aquela vidinha do colégio - ah, minha filha, a vida nao é um salão de baile, não; chega a hora em que é

preciso enfrentar a realidade, e a dela, por sinal, é muito boa.

Tomara que ela enfrente a realidade mesmo, que ela veja o que esta sendo feito de sua vida. Tomara que o seu

66

terapeuta, aos poucos, consiga que ela possa integrar na sua vida de mulher adulta tudo o que havia de vivo naquela menina que gostava de dançar.

Naquela sessão, de relance, ela indica algumas coisas que fogem daquele "está tudo certo" ou talvez até esteja - *tudo em volta está deserto, tudo certo... como dois e dois são cinco* -, tal como na música do Caetano. Você vê o esforço que ela faz para se certificar de que não se arrepende de ter deixado sua profissão? O desencanto com o jeito seco do seu marido? Uma certa culpa por estar "reclamando de barriga cheia"? Você vê a impressão triste de que agora é tarde e os sonhos ficaram definitivamente para trás? E há mais coisas ainda. É trabalho para muito tempo de terapia. E ela diz tudo em mais ou menos três minutos!

Você já pensou se o terapeuta dessa moça, nao digo em três minutos ou em três meses ou num tempo qualquer predeterminado, resolve que, para o bem dela, ela precisa mudar de jeito? Dá para imaginarmos uma fala mais ou menos assim: "Você precisa se abrir com seu marido e cobrar dele mais romantismo no casamento, dizer a ele que ele precisa se dedicar menos ao trabalho e mais a você, que ele precisa ajudar com os filhos; faça valer seus direitos. E aquele ex-namorado, você nunca mais o viu? Você já pensou que talvez tenha escolhido a pessoa errada para marido? Ha tantas escolas de dança

67

por aí; por que voce nao volta a dançar? Mas é um absurdo você ter

parado de trabalhar porque ganhava pouco naquela época; acho que voce deixou o trabalho para fazer a vontade dele, que era ter a mulher dentro de casa. Você nao pode ficar assim tão grudada nos filhos, isso vai sufocá-los, vai fazer mal para eles. "Uma mulher tem de ter sua vida própria". E podem vir também os clichês:
"Você está se deixando anular como pessoa" e "não deixe que invadam O seu espaço".

Será que esse terapeuta acredita que ele "sabe" realmente o que é melhor para a paciente? E será que ele nao vê que em cada uma dessas recomendações ha uma cobrança para que ela seja capaz de fazer coisas que, se pudesse, já teria feito? Será que ele pensa que é fácil para a mulher que deixou de trabalhar fora, de repente, retomar uma vida profissional? E o que ele pensa de acrescentar para ela ainda mais uma cu1pa ao dizer que o cuidado dela com os filhos e um mal que ela está fazendo a eles? O empenho apressado em dizer tudo isso a ela visa ao que?

Se O terapeuta for capaz de pensar na sua paciente como o que basicamente ela é, um "ser-no-mundo", ele vai, antes de tudo, compreender que cada uma das coisas que ela faz ou deixa de fazer, não importa se certas ou erradas, tem significados imbricados uns nos outros, imbricados em outros significados mais amplos; ele vai

68

compreender que, mesmo quando uma pessoa sente que o sentido que sua vida está tomando não é aquele que ela pretendia, mudar essa direção não é tão fácil como quando alguém percebe que tomou o ônibus errado, desce no primeiro ponto e toma outro.

É exatamente por não ser fácil essa retomada do sentido que a pessoa precisa de terapia precisa de tempo para pensar a sua vida, junto de alguém cujo pensamento tenha aquele caráter artesanal, aquele

pensamento que é dedicado à existência dela e não já pronto para mulheres modernas em geral.

Nesse pensar que aprofunda significados, a pessoa tem chance de retomar sua capacidade de sonhar de novo: sonhos novos; velhos sonhos que podem ser recuperados, compatíveis com o que faz parte do seu mundo agora. E quanta àqueles sonhos que não cabem mais em sua vida, talvez seja preciso renunciar a eles. Se ela mudar o seu modo de existir, nao terá sido por cobranças externas de qualquer natureza, mas por ter se aberto a descoberta da necessidade, que é inerente a sua própria existência, a necessidade de responder ao chamado para a realização do que ela sente que é um projeto pessoal.

Aquele rapaz, exemplo do tipo de pessoa que não sabe o que é respeito pelo outro, continua a terapia. Ele

69

conseguiu o cargo desejado é esta bastante feliz com seu sucesso. O terapeuta perguntou a ele o que sentiu quando seu colega pediu demissão, já que sua situação na empresa tinha ficado insuportável. Ele disse que se sentiu muito bem quando viu que seu caminho estava livre. Quando o terapeuta perguntou o que ele sentiria se estivesse no lugar do outro, ele respondeu: "Essa sua pergunta é meio idiota, pois se eu estivesse no lugar daquele tipo, eu seria ele, eu não seria eu, eu seria um perdedor, e, nesse caso, eu responderia como um perdedor. Eu, sendo eu, só posso responder do meu lugar de vencedor". Acrescentou que, na vida, uns perdem, outros ganham, e até na teoria da evolução a coisa é assim: sobrevivem os mais aptos. Nesse dia, a sessão foi pesada para o terapeuta.

Ha uma coisa sobre ele, porem, que eu quero contar para voce, s6 como curiosidade. É algo que nunca apareceu na terapia dele. Um dia,

reuniram-se vários ex-alunos de um certo colégio na casa de um deles para comemorar a volta de uma amiga que havia passado anos estudando fora. Como costuma acontecer nesses encontros, foi um tal de querer saber de tudo.

- E a fulaninha casou? E a sicraninha, continua bonita como era? Como está aquela, como era mesmo o nome, que estudava tudo, a "cdf" da turma? E o coisinha, o que foi feito dele?

70

Daí, alguém perguntou quem era esse coisinha. Então urna das moças disse:

- Ah, nao se lembra? É que você mudou de escola antes, você nao estava mais lá quando o apelido dele se espalhou. Era o fulano, aquele cara que urna vez roubou a bolsa da professora de francês e deixou a culpa cair naquele garoto da oitava série, que até foi expulso; aquele que, depois de ter levado um fora daquela garota que sentava do meu lado, aquela que tinha cabelos bem pretos, espalhou pela escola toda que ela era a maior galinha, inventou sobre ela coisas tão graves que algumas mães nao deixavam mais as filhas saírem com ela. Lembra? Ela chegou até a apanhar do pai

- Não sei quem era essa menina.

- Claro que você se lembra, ela era urna gracinha,

sempre alegre, e, urna vez, numa festa beneficente em que houve um concurso de dança, ela ganhou o primeiro lugar. Lembra agora? Pois é, ele arrasou a vida da menina. Ela precisou sair do colégio, foi morar uns tempos com uns tios nos Estados Unidos. Na última vez que eu soube dela, me contaram que ela voltou falando um inglês perfeito e era professora de inglês.

- Mas por que o apelido do cara?

- É que o nosso grupinho se revoltou contra ele,

mas ninguém conseguia acabar com o falatório que ele

71

começou. Começamos a chamá-lo de o coisa-ruim, não na frente dele, é claro; depois ele passou a ser o coisa, e, no fim, era só o coisinha.

Veja só. Aquele vencedor que você viu falando na terapia, que passa por cima dos outros e manda hoje naquela empresa, é o coisinha. Ele nunca soube disso.

Voltando ao assunto da terapia dele, outro dia, ele comentou com o terapeuta o quanto é duro ter de lidar com gente invejosa. São seus irmãos que deram para criar caso, por um motivo bobo. Quando teve certeza de que aquele cargo seria dele, já começou a gastar, contando com o dinheiro a mais que iria ganhar. Mas, como isso demorou uns três meses, obviamente ele teve de fazer dívidas. Os irmãos estão achando ruim, dizendo que ele obrigou a mãe a assinar cheques para saldar suas dívidas. Mas a quem mais ele poderia recorrer? Não vai fazer falta para ela. E, além de tudo, o dinheiro dos pais é dos filhos, e ele esta precisando agora. Será que ninguém entende isso?

Seu terapeuta tem feito tudo o que é possível para compreender essa pessoa. Ele e o paciente de quem poderia ser dito: está em boas mãos. Mas o terapeuta sente que aí há algumas barreiras intransponíveis.

72

Em outro dia ele falou:

- Cara, tenho *saído* com uma gata, coisa fina; não é do meu nível social, alias, está bem longe disso, mas bem produzida, é de causar inveja quando saio com ela; corpo perfeito, e o rosto, então, é difícil um mais bonito; mas não é nada sério, mesmo porque, mulher pra mim só muda a embalagem; são todas iguais, gostam de carrões, de bons

restaurantes, presentes caros, e, como amante, eu não deixo nada a desejar. Enfim, estou me sentindo ótimo.

Em seguida, pela primeira vez, ele falou de um fato acontecido em seu tempo de colégio.

- Só uma vez, eu quase gostei de uma menina da minha escola; ela era super gracinha, mas boboquinha como ela só; era aquele tipo que sonha com casamento, que diz que um dia quer ter filhos, enfim, aquele tipo que você deve saber como é; um dia, ela teve a cara-de-pau de me dizer que, embora me amasse, embora eu fosse todo carinhoso com ela, achava que eu tinha um jeito estranho de pensar sobre as coisas da vida, às vezes ela tinha medo de mim, e não ia ser legal a gente continuar; e terminou o namoro naquele dia mesmo, a tontinha; nao era preciso ela se apressar, pois eu ia mesmo terminar logo.

E, o diálogo continuou.

73

- 0 que voce quer dizer com esse "quase" gostei?

Será que você não gostou mesmo dela?

- Você ta louco? o que eu quis dizer é que foi uma fraqueza, bobagem de moleque; não nego que ela era gostosinha mesmo, mas imagine só, eu gostando daquela bobinha.

- Por que você a achava tão bobinha? Os sonhos dela incomodavam voce?

- Esse assunto é tão sem sentido que nem vale a pena ser comentado. Pra que eu vou querer saber dos sonhos dos outros? Além de tudo, isso já ficou lá atrás; o que vale é hoje, e a gata de hoje é incrível.

Na sessão seguinte, ele chega com um pé enfaixado, curativos no braço e um arranhão na testa, e diz, meio brincando:

- Cara, a gata deu zebra. O que vale é que sou um cara de sorte. A gente estava voltando da praia, e você sabe que eu corro mesmo, e ainda mais depois de ter tomado todas e meio chapadão; só sei que eu derrapei e a gente rolou num precipício. O carro acabou. Eu quebrei o pé e tive uns cortes no braço. Mas ela, você precisava ver, nem sei como está viva; O resto, então, estraçalhado, não dá nem pra contar. Socorreram a gente, e, no hospital, eu ouvi quando disseram: "Coitadinha, essa aí não vai haver plástica que recupere". Para o delegado, eu disse

74

Que era ela quem estava dirigindo. Depois a mãe dela ainda quis reclamar; ela nao tem pai. Mas uma boa grana - meu pai raspou do banco toda a poupança dele e ainda emprestou do meu tio - fez com que a história acabasse por aí ela acaba consertando um pouco o rosto, e ainda sobra aquele corpaço... , ela vai aprender a se virar muito bem.

- E você nao sentiu nada quando viu o rosto dela inteiro desfigurado?

Ele respondeu muito sério:

- Claro, eu sou muito sensível pra essas coisas, nao agüento ver sangue. Senti nojo.

Nesse dia, o terapeuta se sentiu muito mal e encerrou a sessão um pouco antes da hora. Desmarcou o último paciente do dia e foi para casa mais cedo. Ao entrar, sua filha disse: "Oi, pai já chegou!". Ele fez um carinho demorado no rosto dela, e foi nesse momento que teve a plena certeza de que não atenderia mais aquele paciente.

Mais tarde, sozinho, perguntou a si mesmo: "O que eu sinto por ele? E a resposta foi: raiva, muita raiva. Lembrou-se de suas aulas de psicopatologia, quando lhe falaram do psicopata, alguém que não é capaz de sentir culpa. Seus pensamentos dispararam em todas as

direções: aquilo não é gente, nao é humano, aquilo é uma coisa.

75

Ele pensava: "Mas, como seu terapeuta, posso ter essa raiva toda dele? Será que eu não deveria encarar tudo isso como a doença dele? E será que a falha não foi minha? Será que nao fui firme o suficiente para fazê-lo compreender que seus atos eram imorais? Será que eu também sou responsável pela deformação do rosto daquela garota? Mas tenho certeza de que tudo que eu sabia e que podia fazer eu fiz. Procurei compreender com ele o significado de seus atos, de seus projetos de vida; procurei por muito tempo pensar com ele e mostrar a ele sua forma de ser com as pessoas, o uso que ele faz das pessoas. Sempre ouvi com paciência e aproveitei todas as oportunidades de dizer a ele o que me parecia apropriado dizer. O que faltou fazer? Com todos os outro pacientes que atendo eu consigo me comunicar; somos sempre ali duas pessoas conversando, eles sabem do que estou falando cada vez, eles conhecem o sentido do que é falado. Algumas vezes eles dizem: “nao concordo com o que voce fala, eu penso diferente”; mas sinto que estamos falando da mesma coisa. Com ele foi sempre diferente. Ao poucos comecei a perceber que ele nao fazia a mínima idéia do significado do que eu falava, não por falta de conhecer as palavras; até que o vocabulário dele é dos melhores, ele e superinteligente. Mas ele estava sempre de um outro lado de uma grande brecha entre nés, e eu nao tinha como nem sequer jogar uma corda

76

que enroscasse do outro lado e que me permitisse, por meio dela, chegar até ele; do outro lado não havia nada que pudesse sustentar a corda que eu jogava, e ela também caía num vazio, num buraco enorme.

Falta nele uma coisa que não sei o que é. Mas falta. Curioso, aquela menina que ele namorou no tempo do colégio, sobre quem ele comentou numa das últimas vezes que veio, parece que intuiu alguma coisa; ela percebeu algo nele que era diferente, e caiu fora. É como se ele fosse incapaz de saber o que significa pessoa; ele não sabe que os outros existem que têm projetos de vida. Já não entendo mais nada. Se ele é incapaz dessas coisas, se isso falta a ele, onde está a sua culpa? Mas se culpa é essencialmente falta, será que a vida dele não é exatamente o protótipo da culpa? Binswanger tem aquele livro, chamado *Três formas da existência malograda.* Será que a dele nao é uma outra forma de existência malograda? Aquela existência culpada, e nao naquele sentido heideggeriano da culpa existencial, enquanto o ser sempre devedor, o sentir-se devedor porque sempre falta o que realizar. Mas aquela existência culpada, sim, porque só espalha sofrimento ao redor, que torna o mundo um lugar injusto, triste. Uma existência culpada que não sabe o que é culpa, que jamais vai se sentir devedora. Já estou confuso, não sei mais o que penso, o que sinto com relação a ele. A minha raiva se misturou com o sentimento de uma profunda

77

lástima pelo ser humano, que é capaz de fazer tanto mal; porque esse cara é gente, ele é humano, isso também é próprio do humano; mas como eu queria que nao fosse assim! Só sei que não tenho mais condição de tratar dele; talvez outra pessoa consiga. Amanhã cedo, ligo pra meu ex-terapeuta e vou voltar pra terapia".

E ele foi dormir se lembrando de um artigo que tinha lido, de um seu ex-professor, em que o terapeuta era comparado a uma lente de aumento que amplia para o paciente o que este ainda não consegue enxergar sozinho, e que seria bom que ele enxergasse. Ele disse, então, para si mesmo: "Eu não consegui; que lente embaçada devo ser!". É que

ele, nesse momento, nao estava em condição de pensar que, por melhor que seja a capacidade de ampliar de uma lente, a possibilidade de ver tem de ser da pessoa.

E aquela moça que falava sem tomar fôlego, lembra-se dela? Ela continua a sua terapia há alguns meses. Sua terapeuta, felizmente, não é daquele jeito que eu tinha imaginado, toda aflita e cobrando mudanças da paciente.

Um dia ela chegou e contou um sonho:

- Eu andava por umas ruas, todas elas asfaltadas, absolutamente planas. Nao havia calçadas dos lados. Era tudo só rua mesmo. Os carros e as pessoas se misturavam. As pessoas todas tinham capas de chuva cor de cinza.

78

Eu nao tinha capa. Não estava chovendo, mas o chão era escorregadio. Uma rua sempre acabava em outra, do mesmo jeito, e ia tudo se repetindo.

A terapeuta notou a presença da cor cinza, a presença do asfalto e a ênfase com que ela se referiu ao absolutamente plano das ruas. E começaram um diálogo.

- Você gosta de cinza?

- Não desgosto, até acho o cinza uma cor que combina com muita coisa. Uma calça cinza, por exemplo, você usa com urna porção de blusas. Vai com tudo, porque é uma cor neutra. Mas é uma cor apagada; eu não colocaria, numa festa dos meus filhos, bolas e outros enfeites cor de cinza.

- E o asfalto também, em geral, tende para o cinza, não é? E por que será que no sonho está destacado o fato do asfalto nas ruas? Pois, geralmente, as ruas são mesmo asfaltadas.

- Não sei. Mas me chamava a atenção o asfalto da rua, meio

escorregadio, acho que tinha chovido.

- E fora do sonho, na vida acordada, o asfalto chama sua atenção por algum motivo?

- Acho ótimo quando o asfalto da estrada ou da rua está legal, sem buracos. Mas adoro também quando a gente vai pra algum sítio e a estradinha é de terra, contanto, é lógico, que esteja bem conservada. Mas, sabe, aquela estradinha que fica colorida pelo verde do mato e pela

79

Cor de algumas plantinhas que nascem espalhadas, isso eu acho muito mais bonito. Perto do sítio da minha cunhada é assim. Quando chove, fica um cheiro de terra molhada, uma delícia. Agora, o asfalto é uma coisa árida.

- O asfalto das ruas do seu sonho, molhado de chuva, não tinha cheiro de terra molhada, nem florzinha por perto. Parece que lá não há nada que lembre vida. Predomina no seu sonho a aridez, a neutralidade do cinza. E o que você acha do absolutamente plano das ruas?

- É claro que gosto de ruas planas.

- E o que mais o plano significa para voce? Como
são as superfícies planas em geral?

- As coisas deslizam mais facilmente no plano. Mas tem também outra coisa. Quando você sabe que uma estrada, por exemplo, não é plana, você pode ter surpresas, e é até preciso ter mais cuidado na direção. Já, no plano, parece que não vai haver surpresa, e isso é bom, mas também fica monótono. Me vem agora a lembrança da montanha-russa: é só susto e emoção o tempo todo. Sabe que eu gostava muito desses brinquedos dos parques de diversões?

- Você repara que em seu sonho estão presentes essas coisas que lembram a aridez, a neutralidade, a monotonia, a falta de emoção? Voce diria que a sua vida, atualmente, tem sido mais ou menos assim

como o seu sonho? Você já notou que, às vezes, na sua forma de falar

80

aqui, você vai dizendo tudo num mesmo tom, meio que neutralizando tudo, nivelando tudo? É como se o fato de o seu menino ter esquecido a lancheira na escola, como você contou outro dia, ficasse no mesmo plano da mágoa sentida quando seu marido esqueceu que tinha combinado com você que iriam sair naquela noite e você ficou esperando toda arrumada. Lembra-se disso? Você contou as duas coisas manifestando a mesma emoção. Será que é tudo a mesma coisa mesmo? Será que a sua vida esta tão sem cor?

- Acho que a cor da minha vida atualmente e cinza. Elas comentaram ainda sobre a ausência de calçadas, sobre as pessoas expostas ao perigo andando no meio dos carros, sobre o chão escorregadio; falaram do fato de ela nao ter uma capa que a protegesse de chuva e de como tais coisas sugeriam um sentimento de desproteção. A paciente ainda fez alguns comentários e acrescentou que parecia mesmo que a sua vida estava estampada no sonho. Ela gostou de saber que o sonho fazia algum sentido.

Aos poucos, ela começou a estar mais relaxada nas sessões e, uma vez, comentou:

- Sabe, aqui é um lugar onde sinto que sou ouvida, onde ninguém me julga ou me pede pra prestar contas

81

da minha vida, e isso me acalma; parece que algumas vezes consigo sair daqui e levar essa calma para o mundo lei de fora, se bem que não dura muito; o mundo é muito duro e, é curioso, as pessoas que mais a

gente ama são as que mais fazem a gente sofrer; antes eu não parava pra pensar nessa coisa de sofrimento, punha o sofrimento de lado, de medo de me afundar nele. Eu sempre tive uma atitude muito positiva diante da vida; mas, aqui, vejo que posso olhar pra minha vida e admitir que já sofri muito, que ainda sofro, sim; posso dizer essas coisas pra você porque sei que você não acha, e não acha, de verdade mesmo, que é tudo exagero meu; agora vejo que falar dessas coisas me faz bem.

E, quase no fim da sessão, ela acrescentou:

- Você não acha que até tenho falado mais devagar?

- Tenho notado isso, você não precisa mais falar atropelando as idéias, como para se ver logo livre delas, como para não se deter no que incomoda você.

- É isso sim, mas tem mais uma coisa: aqui eu fico mais tranqüila pra falar porque, parece até mentira o que vou dizer, tenho a impressão de que, pela primeira vez na vida, alguém ouve realmente o que eu falo.

- Eu escuto o que você fala, porque me interesso em compreender as coisas que dizem respeito a você.

82

Num outro dia, ela disse a terapeuta:

- Eu tinha um pouco de medo de falar pra você o quanto fico em cima dos meus filhos, de falar da preocupação excessiva que tenho com eles, e sabe por que? E que eu sei que os psicólogos dizem que é errado super-proteger as crianças, que faz mal pra elas, e que, às vezes, a mãe até faz isso porque, no fundo, ela não ama tanto o filho, e então exagera na demonstração de cuidados pra não ficar com a consciência pesada; é mãe neurótica que faz isso; mas hoje resolvi falar, e juro pra você que eu amo demais os meus filhos, tenho certeza de que eles são o que tenho de melhor na minha vida; gostaria de desgrudar um pouco deles, sei que seria bom,

mas não consigo.

- Mas por que você precisa jurar para mim que ama seus filhos? Você mesma é quem mais sabe o que sente; que razão eu teria para duvidar de você? Você disse que tinha medo de falar sobre isso comigo, mas parece que não está mais com medo, não é? E agora me diga então: você acha mesmo que exagera nesse cuidado com os filhos?

- Acho que sim.

- Entao, deve mesmo estar havendo um excesso de preocupação, mas você exagera numa coisa que, em si mesma, é boa e necessária; filhos precisam ser cuidados, e você é uma mãe que leva isso a sério, só que talvez leve a sério demais; mas me diga, você sempre gostou de criança?

83

- Sempre, desde que me conheço por gente, meu maior sonho sempre foi ser mãe, ter filhos.

- Você tem alguma idéia do porque desse seu exagero no tomar conta das crianças?

- È porque é só isso que preenche a minha vida. Os momentos em que estou com eles, cuidando ou dando bronca quando é preciso, são os momentos em que mais sinto que estou viva; o resto é tão sem graça, é tudo como um deserto.

- Um deserto é um lugar seco, onde não brota nada, não cresce nada, e se sua vida é como um, deserto, ela é assim desse jeito? E ela foi sempre assim? Foi sempre essa coisa árida e triste?

A moça ficou muito quieta por um tempo, quase chorou. Já estava na hora de terminar a sessão, mas a terapeuta esperou um pouquinho mais, até ela estar mais calma, e encerrou.

Quando voltou na outra vez, logo no começo ela contou que esteve

muito triste. Tinha pensado no quanto ela era diferente na adolescência. E disse então:

- No outro dia, a gente falou em tristeza, em deserto; mas a minha vida não era assim; você já viu um ipê completamente florido, aquele amarelo vistoso que chama a atenção? Pois eu era assim, era pura exuberância; eu ria de tudo, gostava de festas, de roupas da moda,

84

tudo diferente do que sou agora. Mas hoje vou contar pra você uma coisa que eu já tinha enterrado, nem queria mais pensar nisso, porque foi muito doloroso, porque ainda é muito doloroso; nunca mais falei disso com ninguém; mas quero dividir isto com você, porque sei que a minha mudança começou ali; foi ali que comecei a murchar. Eu me encantei por um menino do colégio, ele era lindo, e fiquei toda feliz quando ele se interessou por mim, porque todas as meninas eram loucas por ele; e comecei a gostar mesmo dele; a gente começou a namorar, sabe, aquela história de primeiro amor, paixão pura, e isso durou um mês ou dois, até que comecei a achar que ele tinha umas coisas estranhas, não admitia ser contrariado em nada que queria, não queria saber o que eu pensava, achava que eu tinha que fazer tudo e só 0oque ele queria; comecei a não gostar desse jeito dele, e um dia pensei: preciso acabar com isto, não é isto que eu quero pra mim. Hoje ate me admiro de como, sendo tão nova, consegui pensar isso, e pus um ponto final na historia. Mas paguei muito caro. Logo em seguida, parecia que um trator tinha passado por cima de mim; ele acabou comigo, inventou horrores. Disse que eu era uma vagabundinha, que eu saía com todo mundo, e o pior: que alguns conhecidos dele que não eram do colégio tenho até vergonha de contar -, ate pagavam pra estar comigo. Inventou que eu usava droga. No fim, eu não

85

tinha mais cara pra entrar na escola, não conseguia encarar os professores. As meninas mais minhas amigas e mesmo alguns dos meninos ficaram do meu lado, porque me conheciam bem e não acreditaram nele; mas isso não impediu que a minha fama corresse, ate que chegou aos ouvidos do meu pai. Um dia, quando entrei em casa, meu pai estava me esperando com um chicote, nem sei onde ele arrumou aquilo, e eu comecei a apanhar. Eu dizia: 'Pai, é tudo mentira, eu não sou isso que estão falando, escute, pai, eu juro que não sou nada disso, acredite em mim'. Ele dizia que eu não prestava, que eu era uma puta, que não era mais filha dele. Minha mãe pedia pra ele não fazer aquilo, ela queria me proteger, mas ela não tinha força. Se meu irmão não tivesse chegado, ele teria me matado. Minha mãe me pôs depois numa banheira com água quente e bastante sal, mas não havia o que aliviasse a dor. Durante muito tempo precisei usar só cal<;as compridas e blusas bem fechadas pra que as marcas roxas em minha pele não aparecessem. Eu disse pra mim mesma que nunca iria perdoar meu pai. O assunto se espalhou entre os parentes e os amigos de meus pais. Sai do colégio. Eu sobrevivi, mas nunca mais fui a mesma. Aquele carinha acabou com os meus sonhos.

Quando terminou esse relato, tanto ela como a terapeuta ficaram em silêncio, e, depois, ela chorou par muito tempo. Quando acabou o horário, ela falou:

86

- Sabe que eu tinha prometido pra mim, desde aquele dia, que nunca mais iria chorar por isso? Faltei a minha promessa, mas foi um alívio.

Ha uma coisa, entretanto, que aquela menina nem ficou sabendo, mas eu vou contar para você. Os pais da sua melhor amiga souberam da

surra, pois a amiga foi vê-la quando ela começou a faltar às aulas.

O pai da amiga achou aquilo um absurdo e resolveu ir conversar com o pai dela. Logo ao entrar, ele já foi dizendo:

- Olhe fulano, sei que isto não é da minha conta, é coisa da sua família; conheço você desde a faculdade, fui seu aluno, somos amigos, mas acho que você enlouqueceu. Como você fez uma coisa dessas com sua filha? Conheço a sua menina desde que ela estava na escola maternal com meus filhos; ela sempre conversou comigo, com minha mulher. E você não conhece a filha que ter? Por que não conversou com ela primeiro? Você devia dar graças a Deus por ela ter se livrado daquele "mau-caráter que ela estava namorando; aquele tipo não presta, eu sei disso, porque meu filho me conta; ele inventou essas coisas de vingança, porque a iniciativa foi dela de terminar o namoro.

De um ponto em diante, ele parou de falar. O pai da menina chorava como dificilmente homem chora e apenas disse:

87

- Logo em seguida eu caí em mim, mas já estava feito, não tinha como voltar atrás; o que eu fiz não tem perdão.

Esse pai carrega até hoje essa culpa, e nunca procurou ninguém para falar sobre isso. A vida dele também murchou.

Quando voltou, na outra vez, a paciente falou que tinha estado péssima. Disse que pensava que já tivesse esquecido tudo aquilo, mas não, estava tudo ainda muito vivo.

E a terapeuta comentou:

- Num outro dia era um deserto que havia ao seu redor; hoje dói, mas há coisas vivas.

- Há coisas vivas, mas como doem! Sabe aquelas florestas mal-assombradas, que aparecem nos desenhos infantis? Pois parece que é

isso que há ao meu redor agora: aqueles galhos retorcidos, o perigo espalhado em todo canto; sinto muito medo agora; parece que antes de tocar nesse assunto eu estava mais forte; agora estou muito sensível, assustada com a maldade das pessoas; o mundo é muito injusto. Nunca tinha parado pra pensar direito no porque daquela atitude do meu namorado. Por que ele me odiou tanto? o que significou aquilo? o que eu signifiquei pra ele? E por que quase todo mundo acreditou naquilo? Será que o fato de eu ser tão expansiva, de

88

usar minhas minissaias, de rir muito, de paquerar os garotos, será que isso era errado e eu não sabia? Será que foi por isso que acreditaram nas mentiras dele? É verdade que alguns ficaram do meu lado e me diziam pra não ligar pra aquele coisa-ruim, eles sabiam que era mentira; mas não adiantava, a minha fama corria; algumas mães não deixavam mais as filhas saírem comigo. Depois de um tempo, fui mudando meu jeito de me vestir, meu jeito de rir, aliás, eu não via mais motivo pra rir. Precisei sair do colégio. Mas, voltando ao que eu dizia sobre o que sinto hoje aqui com você, na verdade, sinto o quanto a gente é indefesa diante das coisas; a vida vai seguindo um rumo e, de repente, entorta tudo; como eu ia imaginar que aquele menino, tão carinhoso, de urna hora pra outra fizesse o que fez? E o meu pai, então? A vida e muito injusta. Engraçado, disse há pouco pra você que talvez houvesse algo errado no meu jeito, mas agora estou pensando outra coisa: não havia nada errado comigo; acho agora que as meninas tinham inveja de mim, eu era bonita mesmo, não havia uma que não invejasse meus cabelos sempre soltos, com muito brilho, porque eu tratava bem deles, bem pretos; eu me divertia com tudo e acho que elas não perdoavam a minha alegria. Hoje, aqui com você, tenho certeza de que não merecia o que aconteceu comigo. Olhe, estou mais revoltada hoje do que quando

aconteceu tudo; naquele tempo fiquei
89
parece que atordoada e confusa; hoje meus sentimentos são de revolta e de medo, porque, de repente, sempre pode acontecer alguma coisa muito ruim na vida da gente.

E ela continuou por aí afora, aprofundando seu olhar em direção à própria vida. Tão diferente daquelas primeiras sessões, em que estava tudo certo. Na hora de sair, ela disse: "Nossa, terapia dói".

A terapeuta, nesse dia, ficou a maior parte do tempo em silêncio. Não era hora de interferir no curso daquele rio, era só ficar ao pé dele.

Durante muitas sessões, ela falou do seu sofrimento, contou detalhes, e o que passava por ali eram águas tumultuosas, que traziam muitos detritos; e traziam também coisas boiando como lixo, mas que eram percebidas pela terapeuta como material reciclável, que no devido tempo poderiam ser retomadas. Vieram também as lembranças boas. Ela disse que, naquele tempo, era uma sonhadora: planejava viajar muito e estudava bastante inglês porque achava que iria precisar falar muito bem quando estivesse viajando pelo mundo; sonhava com seu casamento, queria ter filhos; dizia para as amigas que gostaria de estar sempre bonita, em forma. Falou muito também da sua mãe, que foi sempre amiga, e do irmão, muito querido, sempre do seu lado. Enfim, sua história foi aparecendo, e era como se ela estivesse sendo apresentada a si mesma, como se ela pudesse se ver e dizer:
"Essa sou eu". Do pai, ela sempre evitou falar.
90

Por algum tempo, as coisas do cotidiano cederam lugar ao que a paciente chamava de "remexer nas coisas velhas". A sua idéia de ter sofrido uma injustiça estava sempre presente. Ela perguntou, certa vez:

- Mas por que justo comigo? Atualmente, o que mais me perturba é

querer entender por que isso aconteceu comigo; o que eu fiz pra merecer isso? Não vejo 1ógica nisso.

- Ha duas coisas para a gente pensar no que você diz. Uma delas é a sua necessidade de andar atrás de uma lógica que explique a razão de tudo. A outra é a pergunta pela justiça. Você está trazendo aqui assuntos que são muito sérios e difíceis. Isso é difícil porque a lógica do mundo nem sempre é tão transparente em sua lógica; e nem sempre a lógica está vinculada à justiça.

- Se o que acontece de justo ou de injusto pode não ter a ver com o que a gente acha que seria lógico - e por lógico eu estou querendo dizer que quem não merece não deveria sofrer injustiça -, então fica tudo ao sabor do acaso ou do azar?

- Não sei responder a isso, mas, às vezes, a gente chama de sorte o que chega por acaso.

- E, mas por que uns aprontam e outros pagam o pato?

- Talvez isso tudo não seja um problema de lógica; talvez isso diga respeito mais ao modo de ser dos seres

91

humanos; talvez seja conseqüência da irresponsabilidade, do desrespeito que certas pessoas têm pelos outros.

- Não tem lógica nenhuma nisso, de uns terem de sofrer pelo que os irresponsáveis fazem.

- É, não tem e tem. Não tem porque, como a gente tem o costume de associar sofrimento com castigo, fica a questão do porque de um castigo para quem não fez nada, e a gente acha então que não há lógica nisso. Por outro lado, há uma lógica indigesta, baseada na premissa de que os atos humanos têm conseqüências. Os atos maldosos, ou mesmo os meramente irresponsáveis, logicamente resultam em alguma coisa: seja em seguida e muito próximo, seja mais tarde e até muito longe; seja para

a própria pessoa, seja para os outros. E os atos bons também se desdobram assim.

Depois de um pouco de silêncio, a paciente disse: - Mas, então, a gente fica no mundo como uma palhaça, sofrendo as conseqüências das ruindades dos outros.

- De certa forma, sim, e, por outro lado, usufruindo um monte de coisas boas, também resultantes de outros atos, também humanos, para os quais, as vezes, a gente nem olha, porque não chamam a atenção. A história do mundo é feita de tudo isso, e a história de cada um também. Veja sua história: que bom que seu irmão, naquele dia, chegou e foi capaz de arrancar você da fúria de seu pai, e, apesar de ter levado também umas chicotadas,

93

permaneceu ali com você; que bom ter sua mãe solidária e cuidando de você; que bom ter algumas amigas cuja amizade, naquela hora, foi fundamental para você; que boa a idéia da sua madrinha de mandá-la para os Estados Unidos, onde você estudou tanto; e, trazendo a sua historia para mais perto, que bom é poder ter a seu lado esses filhos, que dão trabalho e alegram sua vida, não é?

- Nunca tinha pensado na minha vida como uma história, tantos personagens fazendo parte dela, os mocinhos e os bandidos. E a historia continua...

- Sim, continua, e você é a protagonista, porque essa história é sua; você não pode tudo, mas pode alterar algumas direções dela.

Numa outra vez, a paciente falou:

- A gente tinha conversado, num outro dia, sobre sorte, azar, enfim, essas coisas. Um dia desses, fui comprar material escolar para as crianças e encontrei uma menina ou, melhor, como eu, já não mais

uma menina, mas uma antiga amiga do meu colégio. Conversa vai, conversa vem, e ela perguntou o que eu andava fazendo. Fiquei com um pouco de vergonha de dizer que estava só em casa cuidando de filhos, mas pensei, ora, e isso mesmo, e falei pra ela que eu estava meio parada. Ela disse: "Que ótimo, acho que você hoje me caiu do céu;

93

me lembro de que você era ótima em inglês, e estou desesperada atrás de alguém que me ajude numa tradução que peguei pra fazer; sabe como é, a gente pega coisas demais e depois não dá conta; enfim, nem te contei direito, o fato é que faço traduções de livros, de artigos, e agora acumulou um monte de coisas. Você bem que podia fazer pra mim a tradução de um artigo pra uma revista de decoração, nada muito complicado, senão eu perco esse prazo. Você topa ?". Enquanto minha amiga me falava, alguma coisa dentro de mim disse: "Vai em frente". E respondi pra ela: "Claro, estou com tempo e posso ajudar você". Dei meu endereço e, à noite, ela me levou o artigo. Depois que as crianças dormiram, peguei o artigo e vi que, usando um pouco o dicionário, porque estou meio destreinada, dava pra dar conta dele. Continuei no dia seguinte e no outro dia terminei. Ela foi buscar em casa e me disse: "Maravilha, ainda bem que encontrei você; no que eles me pagarem eu trago o cheque pra você". Levei um susto quando ela me falou em trazer um cheque; de verdade mesmo, não pensei que aquilo fosse um trabalho. Disse pra ela: "Que é isso, não precisa, eu fiz pra ajudar você". E ela respondeu: "De jeito nenhum, isto é trabalho; ainda vou abusar muito da sua boa vontade, vou entulhar você de serviço".

- Que bom que você topou; saber bem inglês era um dos seus sonhos. Quem sabe, talvez tenha chegado a hora de retomá-lo.

94

- Mas será que vou ter tempo pra isso?

- Por que não tentar? Você não vai ter de sair de casa, pode escolher seus horários. È questão de organizar seu tempo.

Varias sessões depois, surgiu este assunto:

- Você se lembra de quando eu dizia que a única coisa que me dava vida era cuidar das crianças? Pois é, estou achando o maior barato fazer as minhas traduções. E tem mais: já ganhei um dinheirinho. Não preciso nem dizer que a primeira coisa que fiz foi comprar brinquedos pras crianças. Meu marido acha graça quando pego os artigos, vou pra sala e digo: "Tchau, to indo pro meu trabalho". Minha amiga tem uma porção de contatos e está aparecendo muita coisa; ela diz que sou sua sócia. Estou com um pouco mais de tempo. Combinei com a vizinha do meu apartamento, que tem uma filha na mesma escola dos meus, que vou pegar as crianças à tarde, e ela leva os três. Ela até me disse: "Por que a gente não pensou nisso antes?". Vou dizer uma coisa pra você: ando mais feliz ultimamente. Meu marido me disse que estou mais bem-humorada, que ele não conhecia esse meu lado. Tenho até medo de falar, deixe eu bater na madeira, mas ele esta mais próximo de mim, esta mais carinhoso.

95

Algum tempo depois, ela apareceu com um corte de cabelo diferente e perguntou: - Gostou?

- Ficou muito bom esse cabelo pra você.

- Dei um jeito nele, estou usando um produto que acentua a cor dele e cobre uns fios brancos. Ficou bem preto de novo, como era antes. Eu andava meio descuidada de mim, mas pensei, outro dia: eu não era desse jeito, eu era urna menina vaidosa, era até um pouco exagerada; o que aconteceu comigo?

- Talvez aquele falatório todo que houve em torno de você, a sua "fama," como você me dizia, tenha a ver com essa sua mudança. Você me disse que logo em seguida começou a mudar seu jeito de se vestir, até o jeito de rir: adeus, minissaias; adeus, risadas gostosas - isso não era jeito de menina séria; também, nem havia mesmo do que rir, não é? E se enfeitar para que? Para quem?

Ela ficou muito triste e comentou:

- Eu tinha até medo de descambar, você entende; tinha nos ouvidos as palavras do meu pai. Mas agora sei que tudo o que me aconteceu não foi parque eu era bonita, vaidosa; isso pode ter contribuído, pois havia gente que não gostava de mim exatamente par isso, gente que ajudou a espalhar aquele falatório. Não havia nada de errado com o meu gosto de ser feliz, com a minha alegria, e pra você posso falar - sei que você não vai dizer

96

que sou exibida: não havia nada de errado em ser bonita. Será que ainda posso voltar a ser como eu era?

- Mas o que poderia impedir isso? Exatamente como você era, não vai dar, porque você era uma meninona, cheia de sonhos; você pode ser de novo, só que não mais uma menina, mas uma mulher cheia de sonhos.

- Será que já não passei desse tempo?

- Ora, o tempo vai passando, mas também vai se abrindo. A sua história se realiza a cada dia. Já percebeu que você retomou uma porção de coisas que eram suas? Veja a sua vaidade retomando nesse cabelo novo, bem tratado; o seu interesse pelo seu trabalho, pelo estudo de línguas. Você já se deu conta de que esta menos presa ao cuidado exclusivo da casa e dos filhos? Já notou que tem sorrido mais, pelo menos aqui comigo? o tempo de agora também é seu.

A moça perguntou, com ar meio surpreso: - Você acha mesmo?

Certo dia, a paciente apareceu com aquele jeito de criança travessa, prestes a "fazer alguma arte" e falou:

- Não sei o que você vai achar; pode ser que seja caretice. Mas você se lembra de uma vez, em que a gente falava de sonhos de menina? Olhe, não vá me achar ridícula, mas sabe no que ando pensando? Eu sonhava tanto com meu casamento, eu entrando na igreja, aquela

97

La musica e tudo mais. Nada disso deu certo. Quando casei, meu marido e eu combinamos que iríamos ao cartório e pronto. E foi desse jeito mesmo. Eu tinha dito pra ele que nem precisava isso, o importante era que a gente se gostava muito. Não precisava de papel nenhum. Foi ele que insistiu. E, era verdade, eu pensava mesmo assim, e ainda penso que não é um papel assinado que faz um casamento. Mas agora me vem urna idéia meio louca na cabeça. Até falei pra ele e ele topou, até achou que ia ser legal.

- Mas que idéia louca e essa? Ainda não sei do que você está falando.

E ela disse, entre sem jeito e feliz:

- Eu queria casar do jeito que imaginei quando era garota. Claro que não seria tudo igual, nem teria cabimento. Mas queria entrar na igreja, queria uma música, flores. Não vá rir de mim.

- Mas por que eu iria rir de você? Eu estou e achando um barato ver sua disposição para retomar o que você queria tanto. Compartilho a sua alegria. O que há de loucura nisso? Era um sonho seu que pode ser realizado, nada impede já que seu marido gosta também da idéia.

As duas acabaram rindo, fazendo planos para o casamento.

- Sabe como imagino tudo? Penso em mandar fazer um vestido, assim um pouco abaixo dos joelhos, de urna
98
cor bem clarinha, pode ser um bege claro ou um azulzinho; na cabeça, não coloco nada, só faço um penteado meio discreto, mas bem moderninho. Meu marido tem um irmão que toca um violino maravilhoso, ele pode tocar pra gente. E sabe o mais engraçadinho que imagino? os dois meninos entram com a gente, na frente, até o altar. Será que eu levo uma flor na mão, uma rosa, por exemplo? Uma só, não ia ficar charmoso? Vai ser tudo numa igreja bem simples, não gosto dessas cheias de pompa, num dia qualquer da semana. A gente convida só os parentes e alguns amigos.

A sessão desse dia girou em torno desse casamento, um sonho que parecia perdido, mas que agora podemos ver que só tinha sido adiado.

Na sessão seguinte, ela perguntou logo ao chegar: - Você vai ao meu casamento?

A terapeuta hesitou um pouco e depois disse:

- Espero que você compreenda bem, eu gostaria muito de ir ao seu casamento, mas não vou. Para mim, isso iria atrapalhar nosso trabalho de terapia. Acho melhor continuar a conhecer essas pessoas às quais você se refere só através do que você conta. Prefiro saber de sua vida, de preferência, só através de você. Mas pode saber que nesse dia vou me lembrar de você, e depois você me conta tudo.
99

- Eu entendo isso.

E acrescentou meio emocionada: - Obrigada por tudo.

E assim, essa terapia continua e passa por momentos mais descontraídos e por momentos pesados. Ainda ha muito caminho pela

£rente.

Bem, você se lembra daquele terapeuta que desistiu de atender o paciente? Ele foi mesmo procurar seu antigo terapeuta. Chegou, falou de algumas coisas mais gerais, e em seguida já entrou na sua questão.

- Estou de volta, e o motivo principal para eu estar aqui é o seguinte. Aconteceu uma coisa que me abalou demais. Não sei se era pra tanto, mas pra mim foi. Atendi por mais de um ano uma pessoa, e o cara, em resumo, deu uma chacoalhada na minha vida profissional. Resolvi que não vou mais atender esse paciente. Está tudo remexido em mim. Há momentos em que penso que ele é um psicopata e não tem jeito; de repente, acho que foi falha minha; enfim, estou me sentindo uma merda.

- Vamos com calma, uma coisa de cada vez. Está parecendo que aí ha coisas que dizem respeito aos seus sentimentos com relação a ele, com relação a você mesmo, e há outras que se referem ao próprio atendimento, a como ele foi conduzido. Não vamos misturar as coisas. Eu posso atender você em terapia, mas acho bom você

100

procurar outra pessoa para conversar sobre seu paciente. Se isso também for feito aqui comigo, nós vamos embaralhar as coisas, concorda? Mas me diga o que aconteceu que tumultuou tanto você.

- O paciente, desde o começo, me pareceu um tipo bastante insensível, desses que só pensam em si; muito inteligente e bem-sucedido no trabalho. Eu fui levando a terapia do modo como acredito que deve ser, tentando ver com ele as implicações de seus atos, o rumo que sua vida tomava, procurando compreender o motivo de determinadas condutas suas; abri espaço para que ele trouxesse coisas do seu passado, da sua infância, as inquietações que ele pudesse ter. E, na história que ele trazia, a tônica era sempre a mesma: ele, ele, e seus

interesses, o como ele era mais atendido ou menos atendido em seus desejos. Eu nunca vi ninguém tão impermeável; nem sei por que ele vinha á terapia; parece que era só a ocasião de ele se ouvir falando o quanto ele era o máximo. Parece que ele não se importava se eu estava ouvindo e muito menos se importava em me ouvir. Resumindo, cada vez mais, o que foi se revelando, como a gente costuma falar aqui, o que aconteceu, agora vejo, foi a manifestação de um retumbante "eu existo, o resto não importa". O cara é um trator, consegue destruir tudo por onde passa.

101

- Parece que consegue mesmo, veja como você esta. Marcaram o próximo horário para começar a terapia.

Na semana seguinte ele foi procurar a outra pessoa com quem conversar sobre o caso de seu paciente e o seu atendimento.

Com essa pessoa, ele comentou que o fato de ter partido dele a interrupção da terapia não era tranqüilo para ele. Depois de bastante conversa, concluiu que ele tinha direito e obrigação de interromper um tratamento que já não daria certo com ele.

Durante algum tempo ele continuou essas supervisões. Cada vez mais, a conversa com o colega mostrava que aquela era uma pessoa que passaria pela terapia sem ser tocada por ela. Apesar disso, acharam que tinha sido bom ter dado ao paciente alguns nomes de pessoas para que ele as procurasse, caso quisesse continuar uma terapia.

Conversaram também sobre outros atendimentos, sobre algumas dificuldades. Mas as dificuldades existentes eram aquelas próprias do trabalho terapêutico. De modo geral, eram terapias que fluíam, das quais era possível dizer: isto está caminhando.

Passado um tempo, tendo revisto o caso daquele paciente, e com a

sua própria terapia, aquele terapeuta começou a ter claro que, independentemente do diagnóstico daquela pessoa, ele tinha feito tudo que era possível ser

102

feito numa terapia; compreendeu a sua raiva, tão humana; compreendeu a sua decepção ao ter constatado, de modo bem concreto (teoricamente ele já sabia), que o terapeuta não tem "poder"; que ele pode, ao estar afetivamente próximo ao paciente, ao estar disponível para pensar junto, favorecer uma ocasião propícia para que o paciente reveja a própria vida, descubra ou redescubra sentidos. Mas é sempre um trabalho a dois.

Numa das vezes em que foi à supervisão, ele comentou que agora tinha bem claro que, no caso daquele paciente que ele parou de atender, nunca se havia formado um vínculo afetivo entre eles. De sua parte, havia acolhido muito bem o rapaz, mas agora tinha a impressão de que, para o paciente, era como se ele fosse um móvel da sala ou algo assim ou alguém que estava lá "a serviço", pago para isto: ouvir suas proezas. Ele perguntava se aquela pessoa seria capaz de amar alguém.

A partir daí, começaram a conversar sobre o que é amar. Em seguida, passaram a falar sobre o afeto que surge na terapia entre terapeuta e paciente, e concordaram que uma boa relação afetiva era um fator importante no encaminhamento da terapia. Mas a pergunta era: que espécie de afeto e esse? E viram que não era fácil classificá-lo. Chama-se amor, amizade, preocupação pelo outro, gratidão? Será que pode ser tudo isso? E se a

103

palavra amor incluir todos esses sentimentos? E o que a palavra amor significa?

Um deles disse que amor é um sentimento que aproxima as pessoas. O outro falou que as pessoas também ficam presas pelo ódio. Mas a isso o primeiro respondeu que o ódio prende, "liga" as pessoas, mas não as aproxima; ele liga afastando ou afasta ligando, mas não aproxima.

E o diálogo entre os dois continuou.

- Será que o amor se confunde com aquilo que se costuma chamar de "cuidado"?

- O "cuidado", parece que é algo mais amplo, que inc1ui muito mais, tanto que se fala no "cuidado" que consiste em pensar o ser; no "cuidado" como preocupação com as coisas; no "cuidado" que se refere à própria existência; no "cuidado" que, em seu modo privativo, pode ser maltratar o outro; no "cuidado" como o caráter principal, essencial do Dasein. Será que a palavra amor significa exatamente essas coisas? Pode ser que, mesmo estando incluído no "cuidado", mesmo sendo um dos possíveis modos do "cuidado", mesmo que ele possa ser conceitualmente derivado do "cuidado", o amor constitua algo de uma natureza tão peculiar, um "cuidado" que tem a tal ponto uma especificidade que mereceria ser considerado destacadamente do "cuidado" em seu sentido mais amplo. o que você acha?

104

- Olhe, isso aí parece que já foi um ponto de discórdia que separou Binswanger de Heidegger; quem sou eu para achar ou não achar alguma coisa? Não quero entrar nessa briga. Mas isso faz sentido. Ao "cuidado" dirigido ao outro se dá o nome de solicitude. Solicitude quer dizer empenho em atingir um objetivo, desejo de atender a alguma solicitação da melhor forma possível, boa vontade, atenção, cuidado constante. Isso tudo pode estar presente no amor, mas será que o amor, diga com sinceridade, define-se por essas coisas? Eu, por mim, acho

que todas as formas de amor, dos pais pelos filhos, dos filhos *pelos pais, pela* humani*dade, entre amigos, entre* os namorados, incluem a solicitude, mas a solicitude não precisa ser necessariamente marcada pelo se sentir próximo de alguém, e isto sim caracteriza o amor.

- E, talvez seja mesmo melhor deixar essa conversa para os filósofos, e vamos pensar na terapia. o fato é que há uma relação afetiva que se forma na terapia, e isto é um fator importante no seu processo. O afeto que surge aí pode ser chamado de solicitude, visto que é O cuidado pelo outro, que deseja O melhor para a existência do paciente. Mas é uma solicitude que tem como característica o aproximar, o unir aquelas pessoas. Talvez a melhor descrição para esse afeto seja uma solicitude que, na proporção em que se efetiva, aproxima terapeuta e paciente, e por isso é uma solicitude amorosa. Ela existe

105

tanto da parte do terapeuta como do paciente, pois os dois estão empenhados em responder a uma solicitação que, no caso, diz respeito ao sofrimento do paciente, à busca de sentido da sua existência. E o paciente conta com o terapeuta, sente-o próximo a si no caminho que está percorrendo. Isso é o que marca a relação afetiva que se estabelece na terapia.

- Mas ao criar-se tal situação de intimidade e confiança, pode acontecer que uma paciente comece a erotizar seu afeto pelo terapeuta e passe a fantasiar urna outra forma de amor, o amor apaixonado que ela teria por um namorado.

- Sim, não precisa acontecer necessariamente, mas pode acontecer, principalmente porque a pessoa está, em geral, vivendo uma fragilidade grande, e o terapeuta pode aparecer como o herói salvador, por quem

ela se apaixona. À paciente são permitidas as fantasias que queira ter, mas, do terapeuta, espera-se que ele saiba sempre que está ali para compreender, para conter essas fantasias ou desejos, e não para realizá-los. O terapeuta vai precisar acompanhar a passagem da paciente por esse momento, até que, conversando sobre o que está ocorrendo, surja também para ela a compreensão de que aquilo é ou foi um momento de um sonho seu, e que nem todos os sonhos podem se realizar; que a função do terapeuta não é ser seu namorado, que seu namorado é ou será alguém que está lá fora.

106

- E se o terapeuta também se apaixonar pela paciente?

- Não é impossível. Mas se começar a haver um envolvimento dessa natureza, eles podem pensar em viver essa paixão, é um direito; só que a terapia termina *ai.* Não dá para misturar envolvimento erótico com terapia.

- É, o trabalho do terapeuta exige uma ética muito grande no lidar com os sentimentos do paciente. Poderia ser dito que a ética aí exigida é a mesma que deve existir em outras profissões semelhantes à do terapeuta. Isso é verdade, mas, no caso do terapeuta, ele precisa de um cuidado ainda mais atento, pois a pessoa que está ali confia nele, faz confidências muito íntimas; ela pode trazer assuntos em que estão envolvidas suas próprias dificuldades e suas fantasias sexuais, e o simples falar sobre essas coisas é capaz de despertar sentimentos eróticos. A pessoa pode misturar seus sentimentos. O terapeuta é que não deve misturar, e, se ele perceber que isso tende a acontecer com ele, é hora de voltar para sua terapia.

- Por isso, é sempre bom que o terapeuta evite propiciar certas situações, certos comentários que possam faci*litar interpretações ambíguas, por parte* do *paciente,* daquilo que constitui a relação entre eles. Já basta ter de lidar com o que possa vir naturalmente, em termos de

fantasias do paciente.

107

- Você se lembra de uma peça de teatro, em que trabalhavam Irene Ravache e Regina Braga, chamada *Uma relação tão delicada?* Não tinha nada a ver com terapia, mas só estou pensando no seu nome; parece que esse nome exprime bem a delicadeza da relação terapêutica: uma relação tão delicada. É delicada porque existe afeto, porque afetos podem se misturar, não só no que diz respeito a sentimentos eróticos, como no exemplo a que nos referimos, mas é possível também imaginar o terapeuta confundindo o paciente com um filho ou interagindo com ele como se fosse o amigo com quem se toma cerveja, e outras confusões. É um afeto que precisa ser muito bem cuidado e preservado na sua especificidade.

- E é por ser assim, tão especial, que o vínculo afetivo que se forma na terapia é, ele mesmo, terapêutico. O paciente não vem para a terapia com questões intelectuais para resolver. Suas questões dizem respeito a sua vida, e isso tem a ver com o seu modo de se aproximar ou de se afastar das coisas, das pessoas, de si mesmo, tanto no passado como no presente; tem a ver com o modo como ele sente que as pessoas se aproximam ou se afastam dele. Isso diz respeito a como ele se afina, isto é, como se sente em harmonia ou, ao contrário, em desarmonia com as coisas, com as pessoas, consigo mesmo; diz respeito, enfim, a como ele se encontra no mundo. Em geral, ele vem de experiências em que o que esta em questão são

108

exatamente os sentimentos que compõem a sua vida: sentimentos de abandono, de frustração, de medo, de ansiedade, de angústia, de tédio, de desânimo diante da incerteza do futuro, de culpa, de insatisfação, de todo tipo de tristeza. Enfim, tudo aquilo de que se fala na terapia

envolve sentimento, e o próprio vínculo terapêutico se torna carregado de sentimento.

- Você tem razão. A pessoa não sofre por idéias abstratas. Quando ela pergunta pelo significado ou pelo sentido das coisas na sua vida, isso não é um assunto teórico; ela esta perguntando: "O que eu faço com a minha vida?". E há sentimento nisso. Quando ela diz que sua vida está sem sentido, isso não é mera comunicação; ela está dizendo que seu existir não tem um "para que", e é um tédio viver assim. E também há sentimento nisso. Sentimentos permeiam toda a terapia. Por isso, seria estranho pensar numa terapia acontecendo num espaço desprovido de sentimento. Veja como exemplos: uma pessoa cuja vida é uma história feita da necessidade de não confiar em ninguém. Talvez possa sentir pe1a primeira vez, possa viver, na terapia, o sentimento de confiança em alguém; outra, que sempre sentiu que ninguém confia em suas possibilidades, talvez possa sentir, pe1a primeira vez, que alguém confia nela. A terapia também é isto: espaço afetivo que pode servir de um novo chão, de um novo ponto de partida.

109

E assim, a conversa entre os dois terapeutas se prolongou durante muitos encontros. Falaram não só daquele caso especial do paciente que o terapeuta deixou de atender, mas também de urna porção de outras coisas que dizem respeito à terapia.

E o casamento daquela moça foi do jeito que ela queria. Quem assistiu ao casamento contou que ela estava muito bonita e feliz; seu marido também estava feliz; e as crianças achavam tudo muito engraçado.

Havia um clima de alegria, mas alguém mais atento perceberia que o pai dela não estava à vontade. Já fazia muito tempo que ele e a mulher

estavam separados. A mãe dela, que já tinha tolerado vários descontroles do marido, naquela vez em que ele bateu na filha, achou que ele tinha passado da conta. Logo após a viagem da menina para os Estados Unidos, eles se separaram.

Dizem que ele esteve muito deprimido por uns tempos, mas hoje em dia esta bem: casou-se novamente, cuida de sua saúde, trabalha, viaja, mantém um certo contato com os filhos. De vez em quando, visita-os e leva presentes para os netos. Ninguém mais fala daquele assunto tão dolorido.

Mas, no dia do casamento, houve uma hora em que, ao vê-la entrar na igreja, sem vestido de noiva e sem buquê, mas linda de azul com uma só rosa na mão, uma

110

emoção muito forte conseguiu romper um bem-estar medicamentoso, e surgiu urna tristeza imensa. Ele logo recuperou o controle e não deixou que a emoção tomasse conta, senão ele cairia no choro, e isso ele não podia fazer.

Ele não chorou, mas seu pensamento foi longe: "Que pena, filha! Eu queria que fosse tudo tão diferente. Mas por que não foi de outro jeito? Talvez, se eu não tivesse me precipitado naquele dia ... Como pude ser tão bruto? o que deu em mim naquele dia? É verdade que eu já vinha meio descontrolado, os negócios indo de mal a pior, cada dia um aborrecimento novo e, por último, aquela notícia que entrou em mim como um veneno: minha filha, a coisa mais preciosa que eu tinha no mundo, tornando-se aquilo, uma puta - eu ouvi essa palavra no meio daquilo tudo que aquele cara do clube falou dela -; logo a minha filha, minha princesa, como eu dizia para ela .

. Isso não podia acontecer na minha família, uma família de gente direita, de mulheres direitas. Foi demais para mim. Será que outro pai,

no meu lugar, teria feito o que fiz? Talvez até fizesse, se estivesse passando pela fase horrível que eu vivia naquela época, sem dizer nada a ninguém para não preocupar as pessoas, tomando remédios por minha conta, porque eu tinha vergonha de buscar ajuda. Mas não importa o que outro pai faria. O fato é que eu fiz. Mas não posso ter sido o monstro que fez aquilo. Esse não sou eu. Mas, fui eu sim, e, a partir daquela

111

hora, perdi minha princesa. Já estou castigado. Mas por que ela teve de ser castigada também?".

Foram seus pensamentos na igreja; quase nem viu a cerimônia. Depois, no jantar na casa da filha, ele bebeu um pouco, tentou ser sociável, conversou com todos.

Mais tarde, já em casa, ele voltou a rememorar detalhes daquele dia que estragou sua vida. Como tinha sido mesmo? Ele estava no clube, quando chegou um conhecido e lhe disse:

- Fulano, não me leve a mal; estou aqui como um pai falando pra outro, se bem que só tenho filho homem, e ser pai de menina é mais complicado; mas, outro dia, ouvi dos amigos do meu filho que estavam no meu carro urna conversa sobre uma garota do colégio deles; bem, pra encurtar o caso, eles falavam da sua filha; sei que as meninas hoje são mais livres, mas, pelo que eles diziam, no caso dela as coisas estão indo longe demais, estão tomando um rumo que, sei lá; às vezes a menina está com algum problema e acaba fazendo loucuras de todo tipo; como sou seu amigo, me vi na obrigação de ...

Ele se lembra de que, naquela hora, parecia que não tinha mais chão; as palavras chegavam soltas aos seus ouvidos e uma grande vergonha se apossou dele. Nem sabe mais como acabou aquela conversa.

Sabe apenas que foi para casa e já não era só vergonha o que sentia; começou a sentir raiva da filha: ela havia

112

desmanchado o sentido da vida dele. Na sala, em cima de uma lareira, estava um chicote trazido de uma fazenda por um seu primo. A menina entrou em casa e, no momento seguinte, o chicote já estava em sua Mao, e ele batia nela. Naquele momento, ela merecia ser castigada pelo mal que tinha feito a ele: como se acaba assim com os sonhos de um pai? Só parou quando, por acaso, seu filho entrou e se colocou entre eles, e, sendo um rapaz forte, pode interromper aquele massacre. Não tinha conseguido ouvir o que a filha queria falar para ele, e agora ele pensa: por que?

Ele não sabe o porque de nada. Só sabe que não ha o que justifique o que fez. Viu sua caixa de comprimidos e pensou: "Também, que burrice a minha; hoje eu devia ter tornado um comprimido a mais, eu devia saber que podia me emocionar; paciência, Tomo dois agora".

Foi assistir a um filme e, algum tempo depois, estava bem mais tranqüilo. Pôde então pensar: "Que loucura hoje! Passei tanto tempo sem pensar nessas coisas e hoje me volta tudo de uma vez. O que interessa é que minha filha está feliz. Por que remoer o que já ficou lá atrás? Sentimento de culpa não leva a nada. Pedir desculpa, nesta altura, não tem cabimento, e, naquela época, eu não conseguia fazer isso. Entao para que?".

O sono chegou e no outro dia ele foi trabalhar normalmente.

113

o casamento foi tema de conversa em várias sessões de terapia daquela moça. Ela contou tudo em detalhes. Numa das vezes a conversa foi esta:

- Você sabe o que significa um sonho ressuscitado?

Pois é, foi isso (a terapeuta pensou: como isso deve ser bom!). Queria que você estivesse lá. Eu e meu marido estávamos felizes, e eu via no rosto das pessoas que elas estavam felizes por nós. Só por um instante uma coisa me perturbou muito. Ao entrar, vi meu pai num dos bancos, e, quando passamos por ele, ele estava completamente pálido, parecia que ia ter alguma coisa naquela hora. Eu sei o que ele devia estar sentindo. Quando eu era pequena, entre as histórias que ele me contava havia uma, que era mistura de sonho e de conto de fada, e era dessa que eu mais gostava. Era a história de como iria ser o meu casamento, e nesse sonho eu era uma princesa: o vestido de noiva, nunca houve um mais lindo, a cauda teria nem sei quantos metros; meu buquê era feito das flores mais lindas e perfumadas; a música era maravilhosa; o meu noivo estaria me esperando no altar, e ele, às vezes, era o moço loiro mais lindo, às vezes, era o moço moreno mais lindo; e quando eu estivesse entrando com meu pai, todos os outros pais iriam ficar com inveja dele, porque ele era o pai da noiva mais linda do mundo. Era uma história cheia de detalhes, e eu não queria que ela acabasse; então, ele sempre inventava

114

mais um pedaço. Sabe, meu pai não foi sempre louco do jeito que ficou naquele dia horrível. Ele começou a ficar impaciente, esquisito, um tempo antes de ter acontecido tudo aquilo. Mas, naquele instante, só me lembrava do pai bom que eu tive e, por uma fração de segundo, eu disse em pensamento: "Que pena pai! Eu não queria desapontar você, me perdoe". Era exatamente isso que eu pensava na hora em que passei perto dele; eu sorri para ele, mas parece que ele não via nada. Mas isso tudo foi muito rápido, a minha felicidade era grande demais. Depois, na minha casa, vi que ele estava bem.

- Você repara que esta e uma das primeiras vezes que você fala do

seu pai?

- Não gosto mesmo de falar a respeito dele. Sabe, consigo me lembrar exatamente da dor que senti, do medo que tive do seu olhar enfurecido, das palavras que ele me dizia. Não dá pra esquecer essas coisas. Não posso perdoar meu pai.

- Não pode mesmo? Mas, por uma fração de segundo, parece que não só ele estava perdoado como você pedia perdão a ele.

- É que quando a gente esta feliz demais não há lugar pra mais nada, ali não cabe nenhuma mágoa, e a gente confunde isso com perdão. Parece que a gente sai da realidade.

115

- E por que você, ainda que num relance, pedia perdão a ele?

- Bobagem minha. Mas sabe o que é? Eu não fiz nada de propósito pra magoar meu pai, mas o fato é que alguma coisa eu fiz. Talvez se eu não tivesse namorado aquele carinha, nada disso teria acontecido. Bem que o irmão da minha melhor amiga tinha me dito: "Sai dessa, esse cara só apronta por ai". Eu freqüentava muito a casa, desde criança, e a mãe deles também me falou pra eu ter cuidado. Mas não liguei. Comecei a sair com ele, achei que eu não era boba e não ia me envolver com ele. Quando vi, estava apaixonada. Lembra de que uma vez falei pra você que eu ficava pensando o que será que havia no meu jeito que favoreceu que as pessoas acreditassem naquele falatório? Eu tinha concluído que não havia nada errado em mim, lembra disso? Pois é, continuo achando isso. Mas fiz uma coisa errada, sim: foi ter me apaixonado por aquele menino, e as pessoas tinham me avisado. Fui entrando na situação aos poucos. Esse foi o erro. Lembra-se de que você dizia que os atos humanos têm conseqüências? A coisa esta aí, do namoro resultou toda aquela confusão. Agora vejo que parte da minha tristeza, que se manteve por tantos anos, tinha a ver também com essa

sensação de ter feito algo muito errado, algo que estragou não só a minha vida, mas também a dos meus pais, a do meu pai principalmente.

116

- Você está dizendo que se sentia culpada?

- É curioso você usar essa palavra. Todas as vezes
que tentei dizer pra alguém isso que eu sentia, a pessoa me dizia: "Deixe de besteira, você não percebe que foi a grande vitima de tudo O que aconteceu?". Hoje estou podendo falar isso sem me sentir idiota. Ou, talvez, até seja uma idiota mesmo, mas eu sentia urna pontinha de culpa, sim. Mas, em seguida, deixava de pensar nisso e dizia pra mim mesma: você era só uma menina apaixonada.

- Mas, segundo o que você diz, você não levou em conta as informações que tinha sobre ele, e, quando viu, já estava apaixonada pelo rapaz cuja fama era conhecida, não é?

- Mas, puxa vida, será que naquela idade eu podia fazer alguma coisa diferente? É muito rápida a passagem de um mero interesse para uma paixão, e aí a gente não enxerga mais nada. Até que me esforcei, depois, pra por um fim em tudo.

- Concordo com você, mas isso não impede que você se cobre por não ter podido ser mais forte, por não ter levado a serio as informações que tinha sobre ele; depois de tudo, você percebeu que gostaria de ter podido ser diferente. Você se sentiu em falta diante de você mesma, e isso se chama culpa. Sentiu que a confusão toda teve a ver com seu namoro. Mas me diga uma coisa: se seu namoro foi urna coisa errada, o que você pensa da proporção entre esse seu erro e tudo o que se seguiu?
117

- Tenho certeza de que foi uma coisa desproporcional. E agora começo a me dar conta de que o fato de eu ter namorado o cara, porque me apaixonei por ele, não podia por si só desencadear toda aquela

maldade contra mim. O que desencadeou tudo foi o mau-caratismo dele. O que fiz de errado foi me apaixonar por ele; mas se você soubesse como ele era bonito, como sabia encantar as meninas ... Percebo mais uma coisa ainda neste momento. O que provocou tudo, alem da ruindade dele, é claro, não foi o fato de eu namorar, mas o fato de eu terminar o namoro. Podia ser que, se eu esperasse mais um pouco e ele tivesse terminado, ele não tivesse ficado com tanta raiva de mim, você não acha? Engraçado, acabei pagando caro exatamente porque fiz a coisa que me pareceu mais certa fazer. E olhe, foi difícil chegar à decisão de acabar com tudo, porque eu gostava muito dele. Também podia ser que, se eu não tivesse terminado o namoro, com o tempo ele criasse juízo e a gente pudesse ter sido feliz. Quem é que sabe, não é?

- E. Quem e que sabe como seria? Nós só sabemos como foi. E ainda sobrou para você uma pontinha de culpa, não é?

- Mas será que eu tenho de carregar isso também?
Pra mim não existe desculpa?

- Ora, mas você já falou da sua meninice, do quanto ele era encantador, de como a paixão toma conta de

118

repente. Não são desculpas suficientes? Parece que você sabe disso, mas isso não basta. Você já tentou perdoar aquela menina?

- Mas você acha que aquela menina que sofreu tanto precisa de algum perdão? Você sabe que eu fui a vitima naquilo tudo.

- Você repete agora aquilo mesmo que as pessoas falam quando você puxa esse assunto. Mas por que você traz esse assunto às vezes? É porque há aquela sensação meio difusa de ter colaborado para que uma coisa muito ruim acontecesse. E pense naquela fração de segundo em que você, em pensamento, pediu perdão a seu pai. Isso tudo não faz você pensar que deve existir algo a ser perdoado?

- Mas a quem eu poderia pedir perdão? Nunca tive a intenção de magoar ninguém; não tive culpa de ter me apaixonado por aquele tipo; nunca podia esperar que urna pessoa normal fizesse o que ele fez; a reação do meu pai foi um absurdo, jamais compreendi aquilo; e sou eu ainda que preciso de perdão? Do perdão de quem?

- Já pensou que pode ser de você mesma? Houve urna menina que, em seguida àquela confusão toda, achou que foi um erro não ter levado em consideração o que algumas pessoas haviam dito a ela, sentiu que falhou nessa hora; sentiu que foi essa a sua falha e que isso trouxe as complicações: se ela tivesse sido mais previdente,

119

nada teria acontecido. Hoje você olha para ela e vê que entre o pequeno descuido da menina e a crueldade que se seguiu não houve proporção; mas isso não impede que ela tivesse sentido aquela "pontinha de culpa", como você disse antes. Será que você hoje não pode perdoar a imprevidência daquela menina?

- Nunca pensei nisso dessa forma.

- E, em geral as pessoas pensam mais em negar a falta ou em arranjar desculpas para ela do que no perdão. Você pode racionalmente entender as razões para as desculpas, pois fazer isso significa ver as outras variáveis que contribuíram para que a falta acontecesse, e é importante que isso seja feito. Mas, mesmo com as desculpas, a pessoa continua presa na culpa. É como se ela precisasse repensar, precisasse relembrar: eu tenho tal desculpa, tal outra desculpa, e mais outra; mas esse inventário das desculpas só faz prender a pessoa na culpa, pois é sempre esta que está em cena.

- E o perdão é tirar de cena a culpa, é esquecer o que se passou?

- Não há como esquecer coisas importantes que aconteceram, a não ser que se perca a memória. Mas é possível, sem negar que

alguma falta existiu, seja ela enorme ou mínima como você encara a sua, de algum modo ultrapassá-la, não ficar presa nela. Exatamente porque ela esta lá, sem ser aumentada nem diminuída,

120

ela pode ser olhada na proporção que tem; você pode dizer a si mesma: "Falhei nisso, porque eu não era tão capaz, não sabia tanto como eu pensava que soubesse, não tinha o controle que supunha ter; enfim, eu me vejo na minha humanidade - podendo falhar e querendo ser melhor". Quando as coisas se passam assim, você começa a abrir o espaço para o perdão. Se houve alguma culpa, houve; ela tem o seu lugar na história da vida, mas o perdão permite que a vida se solte dela e vá em frente.

Durante muitas sessões esse assunto do perdão continuou.

Numa outra ocasião, ela chegou e foi logo falando: - Hoje tenho uma notícia boa. Minha amiga, aquela das traduções, me chamou pra dar aula na escola onde ela ensina. Uma professora de lá vai ter filho e entrou de licença, e vou ficar com as aulas dela. As aulas são terça e quinta, e, então, nesses dias, vai deixar os meninos na escola em período integral. Pensei que eles fossem achar ruim, mas adoraram a idéia, porque nesses dias tem natação, tem umas atividades de que eles gostam, e os amiguinhos deles também ficam lá. Meu marido também achou ótimo.

- Quanta coisa nova em sua vida!

- Você se lembra de quando eu falava que não conseguia desgrudar das crianças? Sentia que precisava tomar

121

conta deles minuto a minuto, senão eles iriam fazer um, coisa errada ou, então, poderia acontecer algo muito ruim se eu não estivesse atenta a

tudo o tempo todo Mas agora vejo que ninguém consegue ter o controle de tudo; sempre pode haver outra coisa que chega e estraga, ou chega e melhora, sei lá ... A gente não consegue prevenir tudo, nem na própria vida. A vida da gente sofre interferência de tanta coisa, né? Lembra de quando falamos aqui sobre como o que uma pessoa faz ou deixa de fazer pode repercutir na vida dos outros? Lembra Foi naquele dia em que a gente estava falando se havia lógica para que certas coisas acontecessem.

- Eu me lembro. Naquele dia, sua questão dizia respeito ao porque do seu sofrimento, já que você não merecia tudo aquilo. E eu disse a você que isso podia não ter a ver com o merecer ou não.

- Pois é naquele dia eu pensava no porque do me sofrimento; hoje penso no porque dessa coisa boa que está acontecendo. Veja: uma moça vai ter um bebê, ela é afastada escola; minha amiga, que tinha estado distante de mim por tanto tempo, um belo dia se encontra comigo numa papelaria; ela me chama pra ajudar nas traduções; agora me chama pra dar as aulas. Vê quantas coincidências? A vida vai aprontando as coisas.

- Isso tudo é verdade, mas você esta esquecendo algumas coisas: sua amiga só a convidou para as traduções

122

porque sabia como você era boa em inglês na escola; ao fazer bem essas traduções, ela passou a confiar bastante em você, e, por isso, convidou-a para as aulas; e você abriu em você mesma um espaço para poder aceitar esse trabalho. Em resumo, nessa história toda há coisas que vêm em sua direção, mas ha também o seu caminho em direção a essas coisas, ou seja, o fato de isso estar acontecendo tem muito a ver com você.

- É, nesse caso é assim mesmo. Mas quando falei que a vida vai aprontando as coisas, eu me lembrava de outras situações. Sabe, quando uma coisa imprevista acontece, e a gente fica sem saber se foi porque já estava escrito, como se diz, ou, ao contrario, o que predomina no mundo é o acaso ...

- Você pensa, neste momento, em alguma coisa particularmente?

- Tem hora que me sinto meio chata de falar tanto no mesmo assunto. Mas eu não tinha ainda contado uma coisa pra você, uma conversa que tive com a minha mãe há algum tempo: foi sobre aquela surra que levei do meu pai. Nunca entendi onde meu pai achou aquele chicote, e eu não queria falar sobre isso com minha mãe, pois além de não mudar em nada o que aconteceu, ainda iria remexer em águas passadas que, como ela sempre diz, não movem moinhos. Um dia criei coragem e perguntei. Ela me contou que, na noite anterior ao que

123

aconteceu, um primo do meu pai, o fulano, foi lá em casa visitá-los. Ele vinha de uma antiga fazenda do avô deles que acabava de ser vendida. Antes de entregar a fazenda aos novos donos, alguns objetos da casa da fazenda foram retirados, e o fulano resolveu distribuir aquelas coisas entre os primos que costumavam passar férias, tantas vezes, na fazenda do avô. Serviriam de lembranças daquele tempo. Trouxe para meu pai o chicote que os peões usavam com os cavalos; trouxe também urna pequena máquina de moer café. Minha mãe sugeriu que aquelas peças ficariam muito bem num móvel que havia em nosso sítio elas completariam a decoração. No fim da semana eles levariam as duas peças para sítio. Enquanto isso, elas ficaram em cima da lareira. Isso foi na sexta e eu apanhei no sábado. Agora veja: se aquilo não estivesse lá, meu pai talvez me desse a maior bronca, talvez me desse uns tapas mesmo, mas não seria daquele jeito, ele não teria

me machucado tanto. Agora me diga, por que aquele primo do meu pai teve de levar aquela porcaria lá em casa? Ele não teve nenhuma intenção de que aquilo acontecesse, apenas largou aquilo lá, sem maldade, querendo agradar. Não dá pra se dizer nem que foi uma irresponsabilidade, como a gente diria no caso, por exemplo, de alguém deixar um revolver armado em cima de uma lareira. Não. Era urna lembrança, um objeto de decoração.

124

- Entretanto, aquele chicote que já tinha sido um instrumento de trabalho dos peões de uma fazenda, que iria ser um objeto de decoração, passou a servir para a punição de uma filha; e veja, hoje, sua lembrança serve como objeto da nossa conversa. Parece que é a história de um chicote, que não sabe que tem história, mas que entrou na sua história. Por acaso, o chicote estava lá; ele foi levado ate lá com outra finalidade, e, talvez, se o primo do seu pai tivesse deixado para fazer aquela visita uma semana depois, a história teria se modificado. Mas você acha que foi só por acaso que seu pai pegou o chicote e bateu com ele em você? Alguma coisa havia com ele, pois, como você disse uma vez, ele não era um homem assim violento. Algo que nós não sabemos o que foi deve ter motivado a violência daquele dia, algo que não foi simplesmente a presença casual daquele chicote sobre a lareira. Também não foi por acaso que se espalhou aquele falatório contra voce.

- E, eu sei que você quer me falar da responsabilidade das pessoas pelo que elas fazem. Mas o acaso também entra. E, naquele dia, o acaso fez com que as coisas piorassem pro meu lado ... Mas essa historia de pensar o acaso é complicada mesmo. Estou pensando agora que, em vez do chicote, meu pai poderia ter usado outra coisa que estivesse ao alcance da sua mão, por exemplo, a sua cinta. Ele estava

decidido a me castigar. Mas não

125

adianta, percebo o acaso de novo: aquele garoto que espalhou os boatos poderia estar em qualquer outro colégio, e eu nem iria saber da existência dele. Por que ele tinha de estar justamente na minha escola naquela ocasião? Isso não é acaso?

- Voce tinha dito um pouco antes, que a gente não consegue saber se algumas coisas acontecem por acaso, aleatoriamente, ou se estava escrito que seria assim. O que voce quer dizer com esse "estava escrito"?

- É que, às vezes, acho que o que tem de ser será, não há o que mude; é o que chamam de destino. E, às vezes, acho que é tudo uma seqüência de acasos.

- De qualquer modo, assim, o homem está sempre apenas à mercê dos acontecimentos. E a gente diz: foi a mão do acaso, ou, então, foi a mão do destino - às vezes, que sorte, e, às vezes, que azar! E então se acaba a responsabilidade humana pela história. Mas não há uns momentos em que voce percebe a mão do homem empurrando, seja o acaso, seja o destino?

- Mas mesmo *aí* posso pensar que alguma coisa, por acaso, permitiu que ele pudesse empurrar, ou posso pensar que ele estava predestinado a dar esse empurrão. Isso é complicado pra mim.

- Também acho difícil. A gente só consegue pensar nas coisas depois que elas aconteceram, e aí, então, só se vê que houve uma imensa trama de acontecimentos que

127

se combinaram para resultar em algo. E o homem está no meio disso tudo, e ele é solicitado, pelo fato mesmo de existir, a se responsabilizar pelos seus atos concretos. E vamos pensar uma coisa. E se a destinação

humana for exatamente esta, a de se responsabilizar pelo mundo, a de cuidar das coisas? Disso tudo resulta a história do mundo, a história da gente.

- Já vi. Voce insiste nisto: responsabilidade. Você quer me dizer que muito do que acontece com alguém tem a ver com o que as pessoas fazem ou não fazem, com o modo de ser das pessoas. Eu estava falando aquilo sobre o acaso, sobre o destino, mas, você sabe, o que eu queria mesmo entender são alguns porquês da minha vida. Queria entender a atitude daquele menino, queria entender a fúria do meu pai.

- Entender totalmente por que eles agiram como agiram a gente não vai conseguir. Você, que conhece os dois, talvez até possa fazer alguma idéia do por que. Quanto a mim, eu poderia até fazer algumas hipóteses, mas poderia estar completamente enganada.

- Ele, eu acho que foi por pura vingança. Acho que ele nunca tinha levado um fora. Sabe aquele tipo que precisa sempre mostrar que é ele que manda? E, sem ele esperar, eu terminei tudo. Agora, meu pai, esse eu não entendo mesmo. Sabe, o que me dói mais e encarar o que meu pai me fez. Aquele tipo, já tenho mesmo na

128

conta de um doido. Mas, do meu pai, não sei o que pensar. Ele não podia ter feito o que fez.

- Naquela hora da raiva, ele tinha do seu lado o poder da força e ele pôde fazer. Nesse sentido, ele podia. O que a gente não sabe é o porque de um descontrole tão grande. Sera que naquele momento ele estava passando por alguma situação muito complicada e não agüentou um problema a mais? Você disse uma vez que ele andava meio esquisito naquela época. Ele estaria com algum problema de saúde? Será que ele veio de uma formação moral tão rígida que não pôde suportar o que se falava da filha dele? E como será que as notícias chegaram até ele? O

ato dele, por mais exagerado e absurdo que possa parecer, deve ter tido um sentido para ele. E será que ele não se arrependeu depois?

- Sei lá! Nem me interessa. Nunca mais se falou disso. Arrepender-se depois não adianta. As coisas não podem ser assim: vai fazendo e depois se arrepende. Parece que você esta querendo defender meu pai.

- Não se trata de defender nem de acusar ninguém.
Você tinha dito que queria entender alguns porquês. Você chegou a dizer que, da parte do seu namorado, aquilo devia ter sido vingança. Da parte do seu pai, fica uma grande pergunta: por que? É exatamente essa pergunta que esta sendo desdobrada aqui. A menos que ele tenha tido um surto psicótico naquela hora, por que teve
128
uma reação tão extrema, por que quase matou a filha dele? Mas há uma coisa: na hora em que você me disse que parecia que eu estava defendendo seu pai, tive a impressão de que você estava brava comigo, como se você estivesse me sentindo do lado dele e contra você. Foi assim mesmo?

- Foi. Senti você querendo justificar a atitude dele.
E eu preciso ter você do meu lado.

- E, se eu procurar compreender o porquê da atitude do seu pai,
isso significa estar contra você?

- Não digo contra, mas perco uma aliada. Você é minha terapeuta e tem de ser minha aliada.

- Olhe, você fala como se eu e você estivéssemos numa guerra, em que é preciso lutar contra alguém, contra um inimigo. Mas será isso o que se faz aqui na terapia? Ser sua aliada significa muito mais poder estar junto de você nas suas tristezas, nas coisas que você começa a conquistar, e também nas suas perguntas pelo sentido das coisas que lhe aconteceram. As perguntas são suas. Você está querendo

compreender por que algumas pessoas maltrataram você. E, nessa busca de compreensão, eu sou sua aliada.

- Eu sei disso. Bobagem minha, é que você é muito importante pra mim.

- Compreendo a sua preocupação em não querer ter mais decepções na vida.

129

Na sessão seguinte ela falou, logo ao chegar, que tinha pensado muito sobre a sessão anterior. Disse que percebia que sua vida estava mudando, que tinha agora um trabalho, coisa que sempre desejou; a convivência com o marido estava melhor, pois o fato de ela estar mais bem-humorada, mais feliz, tinha aproximado mais os dois, e até a vida sexual entre eles estava melhor agora. E a conversa continuou.

- Acho que tenho estado mais alegre, mas você não imagina como isso me assusta. E sabe por quê? É porque não quero perder tudo de novo. Seja por acaso, seja o destino, seja porque no mundo há pessoas irresponsáveis e más, não importa o porquê. O fato é que tenho medo de, de repente, virar tudo um nada. Quando comecei a terapia, já tinha tido a experiência de ver como tudo se transforma de uma hora para outra. E ate já estava conformada com algumas coisas, ainda que eu não estivesse feliz. Quando era garota, sabia bem o que eu queria da minha vida - quero fazer isto, quero aquilo, é assim que eu quero ser -; é verdade que, hoje eu vejo, eu pensava e queria um monte de bobagens, mas o que importa é que eu via um rumo, eu tinha uma direção. Mas fui ficando mais velha e passei a ver que eu me iludia demais. E quanto mais a gente se ilude, mais a gente sofre. Você vai pensar: mas por que ela esta falando isso agora? O que estou querendo dizer é que tem hora

130

em que me surpreendo fazendo planos de novo. Nem contei ainda pra você, mas ando pensando em fazer pós graduação; e, mais uma coisa, eu e minha amiga pensamos também em montar um tipo de curso para ser oferecido a funcionários de empresas. Enfim, são idéias. Não sei se isso dá certo. Mas sabe de urna coisa? Eu ando animada. Dá até um pouco de medo de dizer, mas tenho me sentido feliz. É uma sensação boa, e não quero perder isso por nada deste mundo.

- Mas alguma coisa esta ameaçando você?

- Não. Não há nenhum sinal de perigo rondando
a minha vida. É difícil explicar pra você. Por um lado, tenho certeza de que, durante este tempo de terapia, fiquei mais forte, consegui alterar minha vida, fiz coisas que nem eu esperava; nossa, só rindo mesmo - pois não há de ver que até casei com o meu marido? -; mas por outro lado, não sei se é porque eu penso mais agora, também percebo que fiquei mais fraca. Tenho a impressão de que tudo de bom pode acabar, assim... num sopro.

- Você deve estar sentindo como a existência é frágil, como a gente pode ser atingida por coisas que surgem sem pedir licença, que vão chegando sem mais nem menos, não é?

- Sabe, eu penso em doenças, em morte - que horror -, meus filhos são a coisa mais importante, ou em

131

outras coisas, como: e se meu marido se interessar por outra? Sei lá, não sei bem o que pode acontecer, mas a impressão é esta: não se encante muito porque você não sabe se isso vai durar; tenho vivido com esta impressão, de que não há garantia de nada, que eu posso perder o que tenho. Talvez por isso, outro dia tive medo de que você deixasse de estar do meu lado. Seria o começo das perdas. E sinto que agora eu não posso perder nada.

- Eu estou do seu lado também neste momento que você esta vivendo. Só que, mesmo que eu seja sua aliada, como você disse outro dia, não posso, e ninguém pode dar garantia da estabilidade da sua vida. Cada um sabe o que é bom e faz o que pode para que tudo seja da melhor forma possível; a gente faz como se tivesse garantia, sabendo que não tem. As coisas não precisam ser estragadas por antecipação pelo fato de que elas podem não durar; mesmo porque elas também podem continuar boas. Sei que não é fácil existir compreendendo a fragilidade das coisas. Mas talvez seja isto mesmo que as torna tão preciosas.

- Mas o triste é exatamente isto: serem tão preciosas e tão frágeis.

- Você tem razão. Isso não só é triste como é a grande ameaça que a gente vive: a possibilidade da perda daquilo que se gostaria de preservar para sempre.

132

- Esse assunto é incômodo. Mas foi bom a gente ter falado sobre isso hoje. Eu andava achando que estava meio maluca por pensar coisas desse tipo. Tem gente que fala que pensar isso atrai desgraça. Mas a verdade é esta: não tenho poder de garantir nada mesmo.

Algumas semanas mais tarde, ela disse:

- Tive ontem um sonho tão bonito, mas o sentimento durante o sonho era de muita tristeza. Você já viu um filme sobre a vida do Villa-Lobos? Nós vimos outro dia o video, lá em casa. Há uma cena em que muitas crianças estão reunidas, acho que num estádio, para uma comemoração. Elas seguram balões, bexigas coloridas, e depois soltam. Acho que fiquei influenciada por essa cena e acabei sonhando com urna coisa parecida. Não sei como é que começou esse sonho, só sei que é um dia de muito sol, e vejo uma infinidade de bexigas de todas as cores que vão subindo do chão. É uma visão super linda, mas é uma coisa

angustiante, porque elas vão para o ar, cada vez mais longe; não sei onde aquilo tudo vai parar; mas, ao mesmo tempo, elas não somem de uma vez; de um ponto em diante, são pontos coloridos distantes, e eu cada vez mais aflita com aquilo. A sensação é de um pesadelo.

A terapeuta trouxe de volta aquele sonho que ela contara havia bastante tempo: aquele das ruas asfaltadas,

133

da aridez presente em tudo. Perguntou se ela percebia a diferença entre os dois: neste, atual, havia a presença das cores, a beleza do momento, mas ali estava também a facilidade com que as coisas podem se esvanecer, podem se afastar da gente, indo para longe. E depois disse a ela:

- Veja que a emoção triste, e até angustiante, que você sente neste sonho tem a ver com a sua experiência de já ter sentido o que é, de um momento para outro, perder os próprios sonhos coloridos de menina. E tem a ver também com o que você tem falado sobre o seu medo de perder o que há de bom na sua vida hoje. Uma vez você disse que não enfeitaria uma festa de criança com bolas cor de cinza. O festivo, O bom da vida, parece que precisa de cores, acontece num dia de sol e não chuvoso, como naquele outro sonho. Mas pode acabar, pode sumir. Isso angustia. É difícil viver sem a garantia de que é possível segurar para sempre as coisas boas, não é?

- Sera que isso está ainda tão presente pra mim?
Pensei que eu já estivesse aceitando essa história de que a vida é assim mesmo, frágil!.

- A aceitação não é uma questão de tudo ou nada.
A gente oscila mesmo diante de certas coisas que até podem ser compreendidas, mas que o coração gostaria que fossem diferentes.

- Mas a gente vai ter de viver sempre assim?

- Acho que isso faz parte da nossa humanidade. E natural que se queira conservar o que é bom, e a gente se esforça para conseguir isso. E preciso amadurecer muito para, embora querendo preservar para sempre o que faz a gente feliz, compreender que isso não depende só desse querer. As coisas podem vir a faltar. Perder também faz parte, e isso faz sofrer.

- A outra opção seria a gente não querer nada, não se encantar com nada, não esperar nada.

- Você esta descrevendo aquela vida representada naquele seu velho sonho cor de cinza.

- Não, não quero. Isso é muito ruim.

- Talvez o segredo esteja em poder sentir o quanto a gente quer aquelas coisas que tem, o quanto a gente ama certas pessoas, o quanto elas são importantes, e isso tudo, no dia de hoje, e amanhã de novo; em sentir-se grato pelo que é dado dia a dia; em tentar tomar a vida da gente e dos outros, dia a dia, melhor. Acho que assim a gente sente que a vida esta valendo a pena, sabe que a vida faz sentido, e começa atá a ver cores na vida.

Ainda varias vezes ela trouxe sonhos com o mesmo tema: coisas que se perdem, que escapam. Um deles foi com um colar de coral: o colar se desprende e cai no chão; em seguida ela vê, de longe, que os pedacinhos de coral, com aquela cor tão bonita, estão todos esparramados e

135

não ha quem consiga juntá-los; depois que ela chora muito, aproxima-se deles e se ouve dizendo: "Eu vou juntar tudo".

Nesse dia, ela começou a dizer para a terapeuta o que ela havia

percebido no seu sonho.

- Houve um tempo na minha vida em que eu não queria nem me lembrar das coisas que me haviam feito sofrer. Queria ficar longe delas. Tudo o que eu tinha desejado, todos os meus planos estavam esfacelados, estavam como os pedacinhos do colar do sonho, esparramados no chão. E fui me distanciando deles. Sabe, eu tinha mesmo um colarzinho feito de pedacinhos de coral. Era muito bonito. Esse colar está muito ligado à minha adolescência.

- Tão bonita e, num instante, toda arrebentada.

- E eu, depois, olhando de longe a minha vida, sem entender o sentido de nada, com medo de sofrer mais. - Mas você foi chegando perto das coisas sofridas.

- Foi sofrido me aproximar; foi como aquele choro do meu sonho. Mas depois consegui refazer muita coisa. Sabe, estou feliz hoje em dia.

- Acredito. Acho que você tem tido urna força grande para fazer da sua vida uma coisa boa. No seu sonho você se ouve dizer: "Eu vou juntar tudo". Percebe a força disso que você fala no sonho?

- Percebo. Mas você tem estado comigo esse tempo todo.

136

Lembra-se daquele terapeuta que foi procurar o colega supervisor? Eles continuaram suas conversas, e vários assuntos surgiram. Um dia, falaram do quanto é comum aparecer nas terapias o tema do perdão; aliás, culpa e perdão.

- Só que a pessoa nem sempre põe as coisas nesses termos. Mas ela fala de um ressentimento, de uma magoa profunda com relação a alguém; mas o que há de diferente nesse tipo de ressentimento e que ele absorve a vida da pessoa. Ela precisa ter sempre diante de si o dano que sofreu; aquilo precisa ser sempre realimentado, embora seja ela

quem sofra ao se lembrar. E é óbvio que quanto mais próxima é a pessoa que a prejudicou, o ressentimento é maior, pois ela esperava mais daquela pessoa. Se for o pai ou a mãe, a coisa se complica mais ainda. Você já deve ter notado com que dor uma pessoa fala:
"Minha mãe não gostava de mim; meu pai não gostava de mim". Ela sente que foi lesada em algo fundamental. E isso pode ou não ter sido real, mas foi assim que ela experienciou as coisas. Há gente que passa a vida atormentada com essa questão, o seu sentimento de não ter sido amada; é difícil perdoar essa rejeição por parte de quem significa tanto. E isso acontece, mesmo que se diga que esses significados, essas expectativas com relação ao que devem ser pai e mãe são apenas culturais.

137

Pois a gente pertence a esta cultura, a este tempo, a este mundo, em que aquelas palavras têm significados muito especiais.

- Também acho. Mas não é só aí que existe dificuldade pra perdoar algo. Tenho visto como é difícil, nas situações mais diversas, lidar com as questões que envolvem culpa e perdoar ou não perdoar.

- A pessoa sente que foi vítima de algo que fizeram a ela, e ela não merecia aquilo. Mas sabe de uma coisa o não-perdão e um sorvedouro de energia. O não-perdão, como um ímã, atrai a existência para ele e a consome. O cuidado fica absorvido por aquilo de que é preciso sempre se lembrar, por aquilo que é preciso vingar; e a vida fica presa.

- Mas há pessoas que não perdoam nada, e, apesar disso, a vida delas vai em frente, são empreendedoras bem-sucedidas.

- E você não sente nelas qualquer coisa de amargo? Estão felizes até o momento em que se lembram daquilo que permanece como um nó. Um pedaço da vida está amarrado ali, e tudo o que tem a ver com aquilo que é tema do seu não-perdão é sentido como fonte de desgaste,

de amargura.

- E, percebo isso na terapia. E sempre difícil, porque a pessoa diz que não há razão para ela perdoar, ela não merecia o que aconteceu. E gasta boa parte da sua energia alimentando seu não-perdão.

138

- E é difícil mesmo. Sem considerar os casos pessoais, você já pensou naqueles casos em que povos inteiros estão envolvidos? Como é que um japonês pode esquecer a bomba atômica dos americanos? Como um americano pode esquecer os mortos de Nova York? Como um judeu pode esquecer os alemães nazistas? Como um afegão pode esquecer os russos? E isso se a gente se lembrar só de coisas ainda muito próximas, afora todos os genocídios que já aconteceram.

- Não ha como esquecer. Vendo de longe, fala-se de povos, e isso parece uma abstração, até que a gente se lembra de que são pessoas, que cada mulher, homem ou criança tinha um nome. Essas pessoas mereciam o que aconteceu com elas? O perdão não pode ser esquecimento.

- Talvez algumas coisas, ao contrário, devessem ser sempre lembradas para que não acontecessem mais; para que não mais acontecessem com ninguém. Quando o não-esquecimento vem impregnado de vingança, o que se consegue é impor a mesma crueldade a outras pessoas, cuja "culpa" consiste em ter nascido em determinado lugar. Será que a história do mundo precisa mesmo ser feita assim?

- Não sei se precisaria, mas tem sido feita assim: um povo dizima o outro, um império destrói o outro. - Será que a humanidade é isso?

139

- Acho que isso é da humanidade. Mas, ainda que em cima das desgraças que os homens impõem uns aos outros, por cima das destruições, se algo resta do que ainda se chama mundo, se algo se constrói, é porque há os que sonham com um mundo diferente. Esses

tentam, dentro do que é possível a eles, construí-lo. A propósito, você se lembra da foto de uma menina vietnamita que corria nua numa estrada, toda queimada pela bomba de napalm que os americanos jogaram em seu povoado? Essa foto foi tirada em 8 de junho de 1972 e até hoje corre o mundo. Aquela menina e Kim Phuc, então com nove anos. O fotógrafo, Nick Ut, ganhou o Premio Pulitzer com essa imagem. Os dois mantêm contato ate hoje. Ele não só fotografou a menina; ele levou a menina e outras pessoas, em seguida, a um hospital das redondezas. Depois ela foi transferida para o hospital de Saigon, onde passou quatorze meses e fez dezessete cirurgias por causa das queimaduras. Há pouco tempo, Kim Phuc, numa entrevista, disse que a partir de então começou a sonhar em como ajudar outras pessoas. A menina da foto, aterrorizada naquela situação bestial, trabalha hoje na Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Você não acha que isso diz alguma coisa sobre o perdão?

- Tem tudo a ver. E se você for atrás de motivos "racionais" que justifiquem o perdão, fica difícil compreendê-lo,

140

embora ele não seja irracional. Ele só é compreendido quando se leva em conta que a generosidade também pode ser uma característica humana. Perdão é dado e é recebido. Se você ficar na discussão do "merece" ou "não merece", você não chega a compreender o perdão.

- E há outra coisa. É preciso humildade para aceitar ser perdoado; e isso vale também para o poder se perdoar.

Numa das vezes em que os dois terapeutas se encontraram, a conversa foi mais ou menos assim:

- Curioso, a Daseinsanalyse, que enfatiza tanto o vir-a-ser, as possibilidades que se desdobram sempre, a condição de sonhador, o

projetar-se do Dasein, é a mesma que, ao partir da concepção do homem como ser-para-a-morte, enfatiza a finitude humana.

- Acontece que esses são caracteres constitutivos do Dasein. Não há como concebê-lo sem fazer referência a eles. E, na terapia, percebe-se o quanto a vida humana é constituída por isto: precisar ir em frente, desenvolver-se, fazer planos, realizá-los e saber que sempre vai ficar faltando. E vai ficar faltando porque nao se pode tudo e porque o tempo da gente se esgota. Nao é fácil saber que é assim a vida; e não é fácil trabalhar com isso na terapia. Parece que se lida o tempo todo com esperança e falta.

141

- Dasein leva consigo a falta, que perpassa sua temporalidade, impregnando o passado, o futuro e o presente. Ele olha para o passado e vê que este nem sempre foi tão completo: ele não foi tudo, não teve tudo, não fez tudo o que queria. Faltou. Olha para o futuro, é vir-a-ser. E, exatamente porque falta ser, Dasein se projeta, sonha, faz planos. As possibilidades são abertas, mas o realizar-se de algumas elimina outras. A possibilidade futura da não-realização daquelas outras pode ser antecipada como falta. Algumas possibilidades jamais serão realizadas porque nao haverá tempo. A morte limita lá na frente. Olha para o presente e vê que a vida limita a todo momento. Ele não pode ser tudo, não pode ter tudo, não pode estar concretamente em todos os lugares ao mesmo tempo. As circunstâncias e as suas próprias escolhas impõem limites. E é no presente que ele sente as perdas (o que ficou no passado), a ausencia (alguém ficou distante), a saudade (queria ver de novo), e diz: "Sinto falta"; e sente também culpa (faltou ter podido ser melhor), e diz:
"Estou em falta". E é no presente também que ele sente que seu tempo se esgota, e diz: "Vai ficar faltando".

- Gente, é falta demais, é finitude de todo lado.

- Pois é. Finitude que é sentida seja como uma limitação da possibilidade de ser tudo, seja como a possibilidade da total falta de ser, isto é, o poder não mais ser na ameaça do nada vivida na angústia. E, ao mesmo tempo, aquele chamado para realizar a própria existência.

142

- Isso é existir, isso é ser-no-mundo. E com isso que a gente lida na terapia.

Quanto à terapia daquela moça, certo dia ela falou logo ao chegar:

- Ontem comecei a olhar minhas agendas antigas e sabe o que vi? Ha três anos que venho aqui na terapia. Vi lá o dia da primeira entrevista. Quanta coisa aconteceu nesse tempo! Neste fim de ano, o meu maiorzinho vai acabar a pré-escola; vai haver uma festinha de formatura; eles já estão ensaiando. Sei que vou ficar muito emocionada. Minha amiga comentou comigo que, quando a menininha dela acabou o pré, ao ver a menina no palco, ela chorava de emoção; seu marido até falou: "Que é isso, ela não está terminando a faculdade!". Mas mãe é assim, não é? É que a gente vê que um pedacinho da vida dele já ficou pra trás; ele vai come<;ar a primeira serie e entra numa outra fase da vida. Não vai mais ser o meu menininho. E um pedaço da vida da gente também já foi. Começa outro ciclo.

- E assim mesmo. Certos acontecimentos marcam bem a passagem do tempo. Hoje isso está muito presente para você.

- E, fico boba de ver como o tempo esta passando rápido. Sabe, de verdade, eu me surpreendi ao ver que estou aqui com você há três anos. Vim porque me sentia

143

muito irritada com as crianças; não pensei que fosse acabar falando de tantas outras coisas, enfim, você sabe: a questão não era com as

crianças; eu estava mal comigo. Muita coisa se modificou durante esse tempo. Mas tem hora que umas coisas ainda me pegam forte. Outro dia meu pai esteve em casa no aniversário do meu pequeno. Ele sempre vai aos aniversários. Mas nesse dia me dei conta de como ele envelheceu. Meu pai era mesmo bem mais velho que os pais das minhas amigas. Ele não acompanhou as mudanças que foram acontecendo. Ele era sempre muito rígido. Lembra de quando passou *Gabriela* na televisão? Ele não me deixava ver a novela; segundo ele, a novela era muito apimentada pra uma mocinha da minha idade. Eu só via nas casas das outras meninas ou quando ele não estava em casa. Coitado do meu pai. Ele não tinha mesmo como agüentar o que falaram de mim. Não que isso desculpe a surra que ele me deu. Pronto, cheguei aqui tão bem hoje, e já estou chateada. É só começar a me lembrar disso. Sei que, mesmo tendo se casado depois que se separou de minha mãe, e vive bem hoje em dia, ele sente falta de mim e do meu irmão. A mulher dele até falou pra mim outro dia: "Você precisa vir mais vezes visitar seu pai". Eu sei que talvez ele sofra por isso. Mas também, quem mandou ele não saber se controlar naquele dia? Eu não merecia o que ele fez. Essa lembrança sempre me deixa mal.

144

- Você não pode perdoar seu pai?

- A gente já falou sobre isso. Um dia você me perguntou se eu não podia perdoar a menina imprevidente que eu tinha sido, lembra? Foi quando eu disse que sentia também uma pontinha de culpa. Mas a diferença e que eu era uma menina. Um adulto já deve saber o que faz. Não sei se ele merece perdão.

- E você se lembra do dia do seu casamento, daquela fração de segundo em que, ao passar por ele na igreja, você só se lembrava do pai bom que ele tinha sido? E você me disse que ali não havia lugar para

mágoa. Lembra?

- Acho que disse isso sim, pois era assim mesmo que eu me sentia.

- E, naquela hora, o que você sentia se confundia com perdão. Mas pode ser que não fosse só confusão. Pode ser que o perdão estivesse começando a se instalar. E sabe por quê? Porque naquele momento a sua vida estava plena. Você não queria estragar aquilo ficando presa numa coisa que foi tão ruim no passado. E vai ver que perdoar e isto mesmo: não ficar preso lá atrás; e alguma coisa que solta, que liberta, que faz até parecer que a gente saiu da realidade - como você disse um dia sobre aquele rápido momento na igreja. Lembra-se disso? Será que não era a realidade que estava diferente mesmo? Será que a realidade não pode ser diferente?

145

- Como você se lembra do que eu falei?

- Eu me lembro porque me chamou a atenção ver o quanto você estava emocionada ao dizer essas coisas. Mas acho que só agora que sua vida ja caminhou mais, talvez você possa compreender o que você mesma dizia naquele dia. As coisas precisam de tempo. E aqui está de novo o tempo de que você estava falando quando chegou hoje.

- É mesmo. Nada como o tempo para transformar as coisas.

Algumas semanas depois, já mais perto do final de uma sessão, a moça disse que tinha ido a casa de seu pai, pois sua mulher lhe havia telefonado dizendo que ele estava com urna gripe muito forte, meio abatido. Como a escola de inglês onde ela da aula é perto de lá, aproveitou e foi vê-lo. Eles tomaram lanche juntos; a mulher dele fez um bolo delicioso. Conversaram sobre a política, sobre as crianças. Daí o assunto passou para escola, criação de filhos.

Ela contou para a terapeuta o rumo que a conversa entre eles seguiu.

- Num certo momento, embora não tivesse sido a minha intenção quando fui lá acabei falando pra meu pai: "Lembra, pai, da surra que você me deu uma vez? Nossa, que horror foi aquilo! Parece que sinto a dor até

146

hoje. E o pior é que você não tinha razão. O que e que aconteceu com você naquele dia?". Então, nessa hora, a mulher dele fez um sinal pra que eu não continuasse com aquela conversa. Mas foi ele quem continuou e disse: "Filha, também não sei o que andava acontecendo comigo naquele tempo; eram preocupações demais, um nervosismo sem conta. Eu me arrependi logo em seguida. Sempre evito pensar nisso, porque não dá para se consertar o que já ficou para trás. Sei que foi um exagero meu. Vamos falar de outra coisa agora".

A terapeuta permaneceu em silencio, e ela continuou:

- Depois eu me toquei; acho que não era uma boa hora pra falar dessas coisas com ele. De verdade, não fui lá a fim de perturbar meu pai. Mas quando vi já estava falando. Acho que essa pergunta estava entalada havia muito tempo. Também, se for esperar a hora boa pra fa-lar, essa hora não vai chegar nunca. Do lado dele, ele não tolera essa lembrança; do meu lado, sempre preferi fazer de conta que já tinha esquecido. Só sei que falei. Por um momento ficou uma situação meio ruim. E a mulher dele: "Quer mais bolo?". E eu: "Não, obrigada". Eu me levantei e fui até a cadeira em que ele estava sentado e dei um beijo na testa dele. Com as duas mãos ele segurou a minha e me disse: "Obrigado ... , princesa".

147

Ela estava muito emocionada ao contar isso, e a palavra princesa saiu com dificuldade. Ela disse então:

- Era assim que ele me chamava. Que saudade eu tinha disso!

A terapeuta também estava emocionada, e ficaram em silêncio por algum tempo.

Ela falou, depois:

- Não houve explicações, mas em algum nível vocês se entenderam naquela hora; alguma coisa foi recuperada.

É bom nos lembrarmos de algo. Embora os momentos de terapia dessa moça trazidos aqui em nossa conversa tenham privilegiado os assuntos que, como ela dizia, tinham a ver com aquele "mexer em coisas velhas" da sua vida, é claro que sua terapia nunca se reduziu a tratar só desses temas. A vida, como sabemos, nao para. Ela nao espera que algumas coisas estejam resolvidas para que outras se apresentem pedindo cuidado.

Muitas vezes ela comentou sobre sua mãe, sempre muito amiga, procurando ajudá-la, mas mal dando conta dos próprios problemas. Parece que hoje é ela quem precisa de ajuda. Seu irmao foi também lembrado muitas vezes, como o companheiro de infância, como uma pessoa com quem ela pode contar. Sua amiga, aquela das traduções, que a levou para dar aulas - trabalho esse que está andando bem -, aparece freqüentemente em

148

suas conversas. Seu marido e o da amiga se conheceram e, algumas vezes, os dois casais saem para jantar.

Algumas coisas complicadas também apareceram.

Foi preciso lidar com situações um pouco difíceis com uma colega da escola de inglês, que se sentiu preterida quando as aulas foram oferecidas a ela.

Algumas vezes, também, ela se queixou do marido, embora, segundo ela, a vida deles seja agora muito melhor. Mas, diz ela,

ninguém se modifica completamente.

Ela gostaria de sair mais, pois atualmente eles têm uma babá que pode ficar com as crianças. Mas, geralmente, ele esta cansado para sair a noite, porque trabalha demais no consultório, no hospital e ainda faz um doutorado. Ela fica chateada com isso, já discutiram; mas ele diz que, no momento, a vida dele tem de ser assim e ela precisa ter paciência. Mas, por outro lado, ela sente muito orgulho pelo trabalho dele: ele é extremamente cuidadoso com seus pacientes e todo mundo diz que é um dos mais competentes na sua especialidade. Ao comentar sobre isso, um dia ela falou:

- No fundo, acho que eu queria ter tudo numa só pessoa. Claro que sei que não é possível!. Às vezes, vejo uns outros amigos dele, e tem até um cara que trabalha também com traduções, e então eu penso - me da um pouco de vergonha de falar isto -: “Ah, se eu ainda fosse a namoradeira que eu era quando garota". Mas passou esse tempo. Eu amo o meu marido.

149

- Uma pessoa a quem não faltasse nada! Ou, então, procurar sempre algo em outras pessoas. Seria assim? - A primeira coisa não existe: uma pessoa não pode ser tudo. E a outra eu não quero.

- Pois é, a gente procura em alguém aquilo que se considera mais importante como característica: beleza, atração física, cultura, bom humor, caráter; mas pode ser preciso abrir mão de alguma coisa. Alguma falta sempre vai haver. O importante é a gente saber se gosta da pessoa da maneira como ela é.

- No meu caso, vejo que há outros homens interessantes, mas é dele que eu gosto.

Recentemente, aconteceu o seguinte. Ela chegou e foi logo dizendo:

- Sabe quem eu vi sábado? Você nao vai acreditar.

Fui a uma festa e o "maledeto" estava lá. -Quem?

- Ora, aquele canalhazinha do meu colégio. Eu o vi na hora em que entrei na casa. Ele estava num canto da sala. Logo vi uma amiga que estava numa sala ao lado e puxei meu marido para irmos falar com ela. Ele sabe dessa história toda, mas não conhece o cara. Fiquei assustada com a surpresa, mas aos poucos passou o susto. De onde estava, eu o enxergava, e enquanto conversava com ela pude reparar bem nele. Continua muito bonito; deve malhar todos os dias. Parece que o tempo não passou

150

pra ele. Estava com uma menina linda, esse tipo de aspirante a modelo. E, até nisso, parece que o tempo não passou pra ele. E você sabe como é mulher, eu queria saber por que ele estava na festa, mas não queria perguntar diretamente pra minha amiga. Então, perguntei: *"Quem* é aquela garota ali?". E ela disse: *"Pra* falar a verdade, não sei; ela veio com o fulano. Só sei que ele é convidado do aniversariante. É o chefe dele, e chefe tem de ser convidado, né?. E eu disse: "É *claro!".* E demos risada.

- E alem do susto, você sentiu alguma outra coisa?

- Olhe, sempre imaginei que, se um dia encontrasse, eu ficaria muito emocionada; sentiria o ódio que já tive dele ou, quem sabe, até alguma sobra do amor que eu sentia naquele tempo. Mas sabe de uma coisa? Parecia que ele era personagem de alguma história que me contaram, parecia que ele nunca fez parte da minha vida. Eu o olhei durante algum tempo, observei seus gestos, vi seu modo carinhoso com a menina e pensei: *"Conheço* bem *isso".* Naquela época eu tinha quinze anos; a garota que estava ali não devia ter muito mais que isso. Você perguntou se senti alguma coisa. Eu senti foi pena

da menina.

- E depois, como foi ?

- Depois pensei: vou lá. E, quando vi, eu já estava indo em direção à sala onde ele estava. Meu marido continuou conversando com alguém. Cheguei à porta e

151

percebi que ele nao me reconheceu imediatamente. Dos quinze anos para cá é claro que mudei. Eu conhecia as pessoas que estavam perto dele, mas ninguém era muito amigo. Entao, dei só um oi geral e fiquei lá parada, com um copo de vinho na mão. Só então ele me reconheceu. Levantou e veio falar comigo. E me disse: "Olha quem está aqui; nunca mais vi você desde que saiu do colégio; incrível, está ainda mais bonita do que antes; como esta você?". Respondi calmamente: "Ótima; dá licença, meu marido esta me esperando ali; eu fiquei de levar este vinho pra ele". Você acredita que, tantos anos depois, só havia isso pra ser dito a ele - eu ia levar um copo de vinho pro meu marido -, mas com que prazer eu disse isso! Saí dali e voltei para a outra sala, devagar, tomando o vinho que eu levava. Era como o vinho de uma comemoração. Quando fui pra perto de onde ele estava, não sabia claramente o que eu queria fazer lá. Mas depois de ter falado com ele, soube exatamente o que fui fazer. Eu precisava encará-lo. Precisava vê-lo de perto pra ter certeza de que estava livre dele. E precisava também que ele me visse pra ele saber que não acabou comigo. O que o tempo faz com as coisas!

- E o passar do tempo propicia o espaço para que o significado das coisas se desdobre. Um acontecimento se dá num determinado dia, numa determinada hora, mas o que ele vai significar para a pessoa não se esgota

152
2.

ali. O significado se prolonga, e pode mudar enquanto o tempo passa. Um dia, aquele rapaz foi para você um grande amor; depois, foi o

causador de um grande sofrimento. E hoje, o que ele é para você?

- Acho até estranho dizer isto, pois sofri tanto por ele. Mas hoje ele é nada. E aí até me sinto mal, pois eu penso: "Então por que sofri tanto? Pra chegar a este dia e ver que ele nao significa mais nada? Entao, por que ja não vi isso lá atrás?".

- Porque foi através dele que você, adolescente, conheceu o melhor e o pior da vida. Não dá para se dizer que isso tenha sido nada. A sua história tem a marca dele, embora hoje ele signifique outra coisa para você. Eu acho que, ao dizer que ele não significa mais nada, você esta querendo dizer que ele já não tem nenhum poder sobre você, nem de sedução, nem de estragar a sua vida. Mas, de qualquer forma, ele significa algo, sim: alguém que já teve esse poder e para quem você pode olhar agora e dizer: "Eu sobrevivi, a minha vida foi em frente". Ele significa URV ponto de inflexão: a partir dele deu-se uma mudança brusca na direção da sua vida.

- É isso mesmo. Aquele cara na minha frente, nesse dia da festa, me fez ver o quanto eu cresci, como me distanciei daquela mesquinharia toda. Por falar em mesquinharia, me lembrei agora de uma coisa em que nunca mais tinha pensado; acho que eu não tinha contado

153

aqui que, naquela ocasião, o meu grupinho mais amigo tinha posto nele o apelido de coisa-ruim, e depois o apelido virou o coisinha. Agora percebo o quanto meus amigos viam nele a sua capacidade de fazer mal e, ao mesmo tempo, a pouca coisa que ele era. Mas o que interessa você tem razão, é que ele entrou mesmo na minha vida, fez parte dela. E hoje ele representa pra mim, sabe o que? Representa o poder que uma pessoa tem de estragar a vida de outra e, ao mesmo tempo, representa um marco que me faz lembrar do poder de renovação que a vida tem.

- Talvez fosse isso que você estivesse comemorando ao tomar aquele

vinho, não é?

- Até que essa sua idéia é boa. Quando fui em direção a ele naquela sala, peguei aquele vinho da bandeja que uma moça estava levando, sei lá por que. Era só pra nao ficar com as mãos abanando. Estava muito insegura. Na hora, inventei aquela história: eu ia levar o vinho pro meu marido. Queria que ele soubesse que eu estava casada, que estava feliz, apesar dele. Mas foi o melhor vinho que já tomei. Foi de fato uma comemoração.

Bem, você ainda se lembra daquela moça que um dia dizia para a terapeuta: "Mas está tudo certo, tudo no lugar, tenho tudo, mas sabe como é, fica sempre uma coisa que eu não sei bem o que é, mas não me falta nada; é claro que tenho uns probleminhas com as crianças, você sabe o que é criança, mas isso todo mundo tem, nao é?".

154

É gostoso imaginá-la, tempos depois, tomando aquela taça de vinho.

Nos a vimos, tempos atrás, sem querer pensar no passado - águas passadas não movem moinhos, como dizia sua mãe -; vivendo um presente insípido - o que interessa é o dia de hoje, e, por falar em hoje, não sei o que vou mandar minha empregada fazer para o jantar ... , vida de dona de casa é essa -; sem sonhos para o futuro - quem sabe se meu marido resolve viajar comigo um pouco pra qualquer lugar aí... *o* resto a gente vai levando.

No decorrer dessa terapia, nos a vimos, aos poucos, se apropriando de sua história: desde a menina alegre cuja vida, de um momento para outro, tomou um rumo tão inesperado e sofrido, até a mulher capaz de, novamente, desejar e realizar coisas importantes para ela.

Nós vemos hoje que aí há um percurso em direção a algo a ser feito, mas são muitos os momentos de retomada do passado.

Em alguns momentos, o que a terapeuta faz é permanecer com ela nas suas lembranças dolorosas, pois estas não devem ser negadas, porque fazem parte da sua história e negá-las seria perder o contato consigo mesma.

Em outros momentos, retoma com ela as suas questões sobre a lógica daquilo tudo, sobre o merecer ou não o sofrimento, sobre o acaso ou o destino, percebendo sempre que essas nao são curiosidades intelectuais, mas que

155

a sua pergunta principal subjacente é sempre aquela: "Por que eu?".

E, em todo o tempo, ela mantém para a paciente a perspectiva de que sua vida está aberta.

Você poderia perguntar se toda a mudança na vida dessa moça se deve à terapia. Não é possível afirmar isso. Aliás, parece que ela demonstrava desde menina uma força, um modo de ser decidido para lidar com certas coisas. Isso já se manifestava quando ela resolveu terminar aquele namoro - "um dia eu pensei: preciso acabar com isto, não é isto que eu quero pra mim" -; depois, vemos sua firmeza ao aceitar o convite da amiga para fazer as traduções – “alguma coisa dentro de mim disse: vai em frente" -; aparece a mesma resolução quando, ao conseguir finalmente falar com o pai sobre a injustiça que ele cometeu, e, ao ver que ele não tinha condições de conversar sobre aquilo, fez apenas a coisa mais simples e talvez a única que coubesse ali como desfecho, como ultrapassagem de uma situação que ela sentiu que não fazia mais sentido manter - "eu me levantei e fui até a cadeira em que ele estava sentado e dei um beijo na testa dele" -; isso está também naquele sonho em que ela se ouve dizendo diante dos pedacinhos do seu colar de coral - "eu vou juntar tudo".

E aquela amiga que aparece depois de tanto tempo e possibilita a ela

a volta a uma profissão? E o seu marido,

156

descrito no começo como alguém meio desligado, que nao era dado a romantismos, e que, entretanto, corresponde ao desejo dela de ter o casamento tão sonhado? Aí estão, no mínimo, dois fatores que favoreceram a retomada de seus sonhos, além de todas as circunstâncias que nós desconhecemos e que podem tê-la ajudado.

Mas, certamente, a terapia tem sido a ocasião em que suas queixas, seus medos, suas esperanças têm encontrado ouvidos.

No começo, ela vem para a terapia completamente sem vigor, sem compreender o que se passa com ela "Mas sabe como é, fica sempre uma coisa que eu não sei bem o que é... tem hora que eu não sei o que me dá, parece que eu nao agüento". Em outros momentos, ela se vê confusa, precisando compreender o porquê de certas situações - "Por que aconteceu aquilo comigo no colégio? Por que meu pai me tratou daquela forma?". Em outras horas, ela tem medo de perder o que há de bom em sua vida - "Tenho vivido com esta impressão de que não há garantia de nada, que eu posso perder o que tenho".

Não só faltavam a ela respostas para tantas coisas; ela havia também passado muito tempo sem se aprofundar em suas questões.

A terapia é para ela o espaço favorável para a coragem de fazer as perguntas. Porque terapia também é isto: ocasião em que a pessoa, sob as mais diversas formulações,

157

faz as perguntas essenciais do ser humano pelo significado das coisas.
O que é? Por quê? Para que?

Quando tais perguntas são feitas na terapia, aquilo pelo que elas indagam diz respeito ao que mais de perto toca a existência da pessoa

que pergunta, ou seja: aquilo tudo pelo que ela foi, e ou pode vir a ser atingida, e os próprios sentimentos, mais claros ou mais confusos, relativos a si mesma e ao outro – o que é isso que eu sinto? Por que será que sinto isso? Por que as pessoas me maltratam? Por que a vida faz isso comigo? O que me espera no futuro? Por que não consigo ser como eu gostaria? O que falta em mim? Por que eu faço o que sinto que não é bom pra mim? Por que maltrato a pessoa que amo? Por que tudo dá errado comigo? Por que sou eu que agüento tudo dos outros? Por que tenho de ser este peso para os outros? Por que me abandonam? Por que ninguém me entende? Por que a morte? E o que é depois? Para que a vida? Para que serve o que faço? Será que vale a pena viver? Para que? Para que esse esforço todo? Se tudo acaba, então para que? Por que faço perguntas desse tipo? O que significa tudo isso? Enfim, cada um pergunta pelo seu particular "ser-no-mundocom-os-outros" .

A terapia toma-se o espaço propício para as indagações, porque o terapeuta as legitima e amplia. Paciente e

158

terapeuta se empenham num trabalho de procura, que vai em busca de compreensão da existência do paciente. E é nesse caminho sincero de procura que o paciente pode vir a aceitar que: para algumas perguntas nao há respostas; o fato de não haver resposta não justifica que a vida pare de se desenvolver; para se desenvolver, para ir em frente, a vida necessita de sentido; e é entre incompletudes e incertezas que esse sentido poderá ser descoberto ou então retomado.

Se prosseguíssemos, esta seria uma conversa sem fim. Agora é com você continuar o assunto. Que outros encaminhamentos poderiam ser dados nos exemplos trazidos aqui? O que mais você pensa sobre terapia?

Quero ainda contar uma coisa pra você: quanto àquela moça, passei aos poucos a querer bem a ela, como se ela existisse mesmo. De um ponto em diante, ela passou a ser o paciente que pode estar no consultório de qualquer um de nós.

159